

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 122 — Nº 2.103 — JUNHO 2004 — R\$ 4,00

TRANSFORMAÇÃO MORAL

ISSN 1413 - 1749
9 77 1 41 3 1 7 40 0 8

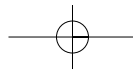


“Reconhece-se o verdadeiro espírita
pela sua transformação moral”

Nesta Edição:

Evolução e transformação
Integridade
As enfermidades espirituais





Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 122 / Junho, 2004 / Nº 2.103



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 35,00
Aérea	US\$ 45,00

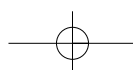
Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária – Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

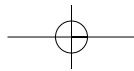
Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Luis Hu Rivas

Tema da Capa: TRANSFORMAÇÃO MORAL, inspirado no pensamento de Kardec, assim como no Editorial e no artigo “Evolução e transformação”.

EDITORIAL	4
Transformação moral	
ENTREVISTA: JOSÉ PLÍNIO MONTEIRO	10
Uma visão da Cruzada dos Militares Espíritas	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	14
Renovemo-nos hoje – <i>Cairbar Schutel</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
É para isto – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	24
Zamenhof – <i>Affonso Soares</i>	
FEB/CFN – COMISSÕES REGIONAIS	26
Reunião da Comissão Regional Nordeste	
PÁGINAS DA <i>REVUE SPIRITE</i>	30
Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas – <i>Allan Kardec</i>	
O dedo de Deus – <i>Espírito Familiar</i>	32
SEARA ESPÍRITA	42
Evolução e transformação – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Ao homem – <i>Augusto dos Anjos</i>	7
Integridade – <i>Joanna de Ângelis</i>	8
Conclusões populares – <i>Casimiro Cunha</i>	9
Indagações a nós mesmos – <i>André Luiz</i>	11
As enfermidades espirituais – <i>Marta Antunes Moura</i>	12
A subjugação – <i>Allan Kardec</i>	13
Lei do Progresso – <i>Washington Borges de Souza</i>	15
Bezerra de Menezes adverte sobre as adendas perniciosas – <i>Jorge Hessen</i>	16
Nosso trabalho – <i>Bezerra</i>	17
Antes que venha o arrastão – <i>Richard Simonetti</i>	18
No livro d'alma – <i>Auta de Souza</i>	20
Dr. March – Uma vida dedicada à caridade – <i>Hélio Ribeiro Loureiro</i>	22
1º Congresso Espírita do Amazonas	25
Desculpa – <i>Irene Sousa Pinto</i>	25
Muito ajuda quem não atrapalha – <i>Rogério Coelho</i>	29
Repensando Kardec – Da Lei de Adoração – <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	33
A Lúcida Certeza – <i>Paulo Nunes Batista</i>	34
É proibido evocar os mortos? – <i>Severino Barbosa</i>	35
Iaponan A. da Silva	36
FEB lança obras na 18ª Bienal Internacional do Livro	37
A morte e a mediunidade – <i>Adésio Alves Machado</i>	39
Educação Espírita e o envolvimento social – <i>Dulcídio Dibo</i>	41





Editorial

Transformação moral

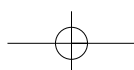
Um dos aspectos mais relevantes relacionados com o estudo da Doutrina Espírita é a análise das conseqüências decorrentes do conhecimento dos seus princípios.

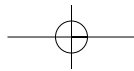
Ciente de que Deus é a inteligência suprema do Universo, causa primeira de todas as coisas, soberanamente justo e bom; que no Universo se encontram não apenas os elementos materiais, mas, também, os espirituais; que o ser humano é um Espírito imortal, dotado de corpo espiritual e de corpo material, este de existência temporária, o homem é levado a rever a escala de valores que adota em sua existência. Os valores espirituais e morais são mais importantes porque, sendo perenes, sobrevivem à existência material.

Considerando a diversidade de reações ao conhecimento da Doutrina Espírita, decorrente dos diversos graus de compreensão dos homens, em *O Livro dos Médiuns*, Primeira Parte, cap. III, item 28, Allan Kardec esclarece que há: 1– os que vêm no Espiritismo apenas uma ciência de observação: *são os espíritas experimentadores*; 2– os que compreendem a parte filosófica do Espiritismo, admiram a sua moral, mas não a praticam: *são os espíritas imperfeitos*; 3 – os que não se limitam em admirar a moral espírita, que a praticam e transformam a caridade, no seu sentido mais abrangente, na regra de proceder a que obedecem: *são os verdadeiros espíritas*, ou melhor, *os espíritas cristãos*.

Aquele, pois, que se manifestar plenamente convicto dos princípios que a Doutrina Espírita revela passa a ter por meta, em sua existência, a conquista de valores morais e espirituais, fundamentados nos ensinamentos do Evangelho que Jesus nos legou. Sabe que não conseguirá uma alteração imediata de comportamento por força dos hábitos milenarmente sedimentados em sua personalidade, mas trabalhará, a partir daí, no sentido da busca permanente de sua renovação interior, em processo de reeducação, caracterizada pela conquista de novos e melhores hábitos.

É por isto que Allan Kardec, falando sobre “Os bons espíritas” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 4) observa: “*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.*”





Evolução e transformação

Juvanir Borges de Souza

O progresso das diferentes frações da Humanidade é um fato.

Através dos séculos e milênios, a história do homem mostra-nos a evolução de civilizações, de nações, de raças, de religiões, de conhecimentos científicos, de costumes e de instituições que progridem, chegando a pontos culminantes, para depois entrarem em decadência e se transformarem ou desaparecerem.

Essas transformações, lentas ou rápidas no tempo, são uma constante, demonstrando a inferioridade do mundo em que habitamos e as inúmeras dificuldades a vencer.

Uma dessas dificuldades, sempre presente, tem sido, para o homem, o desconhecimento de sua natureza, de sua origem e de seu destino.

Diversas religiões, sistemas filosóficos antigos e atuais e as mais variadas ciências cultivadas pelo homem chegaram a conclusões diversas, mas nem sempre a resultados satisfatórios e comprovadamente corretos.

Podemos observar hoje, numa visão abrangente e retrospectiva, que religiões milenares deparam, na atualidade, com desmentidos a diversos de seus ensinamentos e normas, numa demonstração evidente de

que necessitam modificar e retificar as bases em que se assentam.

De outro lado, ciências consideradas definitivas em suas fundamentações deparam com inúmeras dificuldades no seu campo de ação, reclamando retificações de conceitos.

É o que ocorre com a Física clássica diante das descobertas sobre a natureza da matéria, a partir do princípio do século XX. Na Medicina, na Astronomia e em outras ciências há constantes retificações.

O materialismo, nas suas inúmeras faces, tem contribuído para a ignorância das realidades, das verdades, da natureza do homem e da vida, nas suas múltiplas manifestações – o que acontece desde tempos imemoriais.

Ao longo dos muitos milênios em que o homem vem habitando a Terra, seu interesse maior tem sido o de valorizar a vida nos seus aspectos materiais.

Essa realidade decorre não só da necessidade de o Espírito adquirir experiências e conhecimentos úteis ao seu progresso, em contato com a matéria, mas também corresponde à sua condição de inferioridade moral.

Neste mundo de expiações e provas, todos os homens, Espíritos imortais, submetidos à lei do progresso, compreenderão, um dia, as leis divinas ou naturais.

Para tanto, encarnam e reencarnam em corpos materiais, ins-

trumentos benditos que lhes permitem, através dos próprios esforços, irem conhecendo e praticando as leis naturais.

Assim, o ateu, o materialista, que nega a existência do Criador, pode exercitar a lei do trabalho, da conservação, da reprodução, da destruição. Noutra existência, além da repetição das experiências anteriores, pode exercitar o pensamento no culto a Deus, ou dedicar-se ao amor ao próximo. Suas experiências vão-se somando.

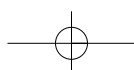
Já os mais experientes, mais desenvolvidos vão dedicar-se à complementação de conhecimentos e sentimentos, obedecendo à própria vontade e à orientação dos Espíritos prepostos.

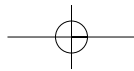
Desse modo, o progresso geral e o particular de cada um de nós nunca é obra do acaso, ou de um destino prefixado, como entendem certas correntes espiritualistas e materialistas, mas decorre do esforço, da compreensão e do ideal, individual ou coletivo.

...

A Doutrina dos Espíritos, o Consolador, assim como a Mensagem do Cristo, representam novas fases na evolução humana.

Através dos séculos e milênios, parcelas da Humanidade, compreendendo povos e raças, têm sido conduzidas ao progresso, a novos conhecimentos e a novos estágios ético-morais. >





Na notável obra de Emmanuel *A Caminho da Luz*, através da mediunidade de F. C. Xavier, cuja 1ª edição foi lançada pela FEB em abril de 1945, o autor espiritual sintetiza, na Introdução, as experiências terrestres, como o tesouro imortal da alma humana:

“Diante dos nossos olhos de espírito passam os fantasmas das civilizações mortas, como se permanecêssemos diante de um ‘écran’ maravilhoso. As almas mudam a indumentária carnal, no curso incessante dos séculos; constroem o edifício milenário da evolução humana com as suas lágrimas e sofrimentos, e até nossos ouvidos chegam os ecos dolorosos de suas aflições. Passam as primeiras organizações do homem e passam as suas grandes cidades, transformadas em ossuários silenciosos. O tempo, como patrimônio divino do espírito, renova as inquietações e angústias de cada século, no sentido de aclarar o caminho das experiências humanas. Passam as raças e as gerações, as línguas e os povos, os países e as fronteiras, as ciências e as religiões. Um sopro divino faz movimentar todas as coisas nesse torvelinho maravilhoso (...).”

E nos vários capítulos do livro assinala, em síntese maravilhosa, o surgimento das raças brancas, a civilização egípcia, a Índia milenar, a família indo-européia, o povo de Israel, a China, a Grécia, o Império Romano, reservando capítulo especial para as grandes religiões do passado e a preparação do Cristianismo.

No seio de todos os povos do

Oriente surgiram as primeiras organizações religiosas, assistidas por mensageiros do Cristo.

Em todas as religiões respeitáveis da Humanidade, em todas as latitudes terrestres, há sempre alguma influência do Cristo, como Governador Espiritual deste orbe.

Essa influência misericordiosa, direta ou indireta, está presente em todas as épocas, fazendo-se notar de acordo com a compreensão, o grau evolutivo e as condições de cada povo, raça ou nação.

A vinda do Cristo ao convívio dos homens, há dois mil anos, é um marco extraordinário na história humana, no que diz respeito à vida e às revelações espirituais.

O Cristo de Deus aproveitou a iniquidade dos homens para exemplificar as virtudes que pregou

Sem desmentir o que seus emissários tinham transmitido de essencial aos diversos povos, anteriormente, Jesus, o Cristo, faz-se portador de ensinamentos, revelações e exemplificações como jamais ocorrera antes dEle.

O Amor e a Justiça sobressaem de seus ensinamentos: “Amai-vos uns aos outros” – “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo resume toda a lei e os pro-

fetas” – “Sereis conhecidos como meus discípulos por muito vos amardes.”

Cumprindo a Lei Antiga, no que nela havia de verdade e de justiça, retificou-a nos pontos em que fora mal-entendida ou mal-interpretada pelos homens.

Tornou-se, com sua Mensagem de Luz, o Caminho da Verdade e da Vida.

Mas Ele sabia que os homens, salvo raras exceções, ainda não O entenderiam na sua justa posição como o Filho de Deus, nosso Governador e Condutor.

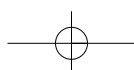
Foi rejeitado no seio do próprio povo em que veio testemunhar a Misericórdia Divina, sendo por isso perseguido, preso, processado e crucificado, numa eloqüente demonstração de atraso, ignorância e insensibilidade em que se encontravam os homens, presos e fanatizados por leis que fizeram e obedeciam como sagradas.

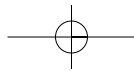
Entretanto, o Cristo de Deus aproveitou a iniquidade dos homens para exemplificar as virtudes que pregou, submetendo-se à cruz infamante, mas transformando-a em símbolo glorioso.

Ele sabia das dificuldades dos homens em assimilar corretamente sua Mensagem, diante do personalismo, do egoísmo e do orgulho, difíceis de serem vencidos.

Por isso, prevendo as deturpações de seus ensinamentos, prometeu pedir ao Pai o envio de outro Consolador, para que fossem reveladas outras verdades, além de lembrar suas lições, dando-lhes o justo entendimento.

Esse Consolador, como sabem os espíritas estudiosos e sinceros, encontra-se no mundo desde me-





dos do século XIX, com a Nova Revelação trazida pelos Espíritos Superiores, a serviço do Cristo.

Essa Revelação Nova reafirma a Mensagem Cristã, no seu justo sentido, mostrando a realidade da vida do Espírito eterno, ora livre, nos mundos espirituais, ora ligado à matéria densa, nos mundos materiais, como a Terra.

O Espiritismo, a Doutrina dos Espíritos, o Consolador prometido, como a Mensagem Cristã autêntica, representam as duas últimas etapas, duas novas Eras da evolução humana na Terra.

Allan Kardec, o missionário escolhido pelo Alto para servir e consolidar a última Revelação, valeu-se de suas conquistas individuais e de médiuns também em missão especial para desvendar as realidades de um mundo invisível de vastas proporções, que está permanentemente em comunicação com os habitantes da Terra, mas que nem sempre foi percebido, no decorrer das idades.

Tornou-se evidente, com as novas revelações, com as manifestações ostensivas colhidas por toda parte, com as comunicações de vários teores, que o mundo das formas está em permanente relação com os mundos invisíveis.

Comprovou-se objetivamente a imortalidade do ser espiritual, que o Cristo já evidenciara na sua *ressurreição*, após os tristes episódios do Calvário.

Mas a Revelação Espírita, além da certeza da continuidade da vida, após o decesso do corpo físico, mostrando que, na realidade, não há morte, atualizou a Mensagem do Cristo para um mundo que avançou muito em conhecimentos,

mas se desviou do sentido moral-educativo daquela ação regeneradora.

A Igreja Romana, que paulatinamente se desviara dos ensinamentos originais do Cristo, para apegar-se ao poder e aos tesouros transitórios, há muito parece sem forças e sem meios para corresponder às necessidades de uma Humanidade que se renova e precisa avançar em conhecimentos e moralização.

O Espiritismo vem, pois, na hora aprazada pelo Alto, com a missão de atender às aspirações mais elevadas do espírito humano, de ingressar em nova fase evolutiva, uma nova civilização fundamentada em verdades indiscutíveis.

Com a comprovação da sobrevivência do ser essencial, com as verdades e realidades da reencarnação, agora explicada e entendida sem as fantasias que a deturpavam,

a Justiça da Lei Divina pode ser entendida perfeitamente.

Além dessas realidades colocadas em evidência, o Espiritismo reabilita todos os ensinamentos do Cristianismo autêntico, deturpados pelas igrejas, por interesses particulares vinculados ao poder, ou por interpretações infelizes.

As leis morais, expostas com clareza e simplicidade na obra básica da Doutrina Consoladora, são o caminho natural na busca da perfeição moral, ao alcance de qualquer interessado em melhorar-se, combatendo o escolho das paixões, do egoísmo, do orgulho e do personalismo.

Essa doutrina esclarecedora e consoladora marca uma Nova Era para a Humanidade, oferecendo ao homem, finalmente, o conhecimento de si mesmo, a antiga aspiração da filosofia grega, preocupada com a edificação do porvir. ■

Ao homem

Tu não és força nêurica somente,
Movimentando células de argila,
Lama de sangue e cal que se aniquila
Nos abismos do Nada eternamente;

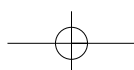
És mais, és muito mais, és a cintila
Do Céu, a alma da luz resplandecente,
Que um mistério implacável e inclemente
Amortalhou na carne atra e intranquilha.

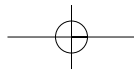
Apesar das verdades fisiológicas,
Reflexas das ações psicológicas,
Nas células primevas da existência,

És um ser imortal e responsável,
Que tens a liberdade incontestável
E as lições da verdade na consciência.

Augusto dos Anjos

Fonte: XAVIER, Francisco C., *Parnaso de Além-Túmulo*. 16. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 138. Edição Comemorativa – 70 Anos.





Integridade

A integridade moral do ser humano é um compromisso que deve ser mantido em relação à vida, por meio do qual se haurem valores que se enriquecem, predispondo para a plenitude.

A vulgarização dos sentimentos, que decorre da massificação devoradora dos ideais e da individualidade, responde pela paulatina perda dos requisitos que constituem a integridade moral.

A artificial necessidade de conseguir-se o triunfo a qualquer preço tem conduzido os seus aficionados à perda do significado primordial da existência, que é a sua espiritualização, ora colocada em plano secundário ou mesmo nem sequer pensada, desde que os interesses imediatos, fixados no prazer e no desfrutar, rejeitam os demais valores, anteriormente cultivados com respeito e sacrifício.

Certamente, a revolução industrial e tecnológica alterou o comportamento dos indivíduos em relação a conceitos castradores predominantes no passado, mais preocupados com a aparência do que com a realidade.

Estribados em propostas perversas e impeditivas do autodescobrimento, tornaram-se responsáveis pelo atual repúdio, quase automático, a tudo quanto signifique me-

canismo de iluminação, mediante a renúncia e o sacrifício pessoal.

Tais propostas parecem afrontar a razão contemporânea, desencaminhando-a dos seus objetivos práticos e imediatos, conseguidos a duras penas, culturais e emocionais.

Sucedo, no entanto, que, sem abdicar-se do raciocínio, antes adotando-o, torna-se indispensável considerar a fugacidade do corpo e do seu notável mecanismo, preparando-se o ser para o prosseguimento da evolução em outra condição no campo da energia.

Essa transitoriedade orgânica tem gerado o hedonismo, a ambição desenfreada para o desfrutar intensamente das concessões que são oferecidas, enquanto é tempo, porque, de um para outro momento chega a morte, anulando tudo e a tudo consumindo, conforme se pensa nessa filosofia imediatista.

A conclusão, eminentemente materialista, é falha, porque o gozo que se deriva do abuso é perturbador, quando não mortal. Ademais, o prazer, em si mesmo, satura após fruído, deixando sensação de incompletude, de frustração. Em face desse resultado, fuge-se na direção de novas buscas utópicas, procurando-se justificativas para os comportamentos extravagantes e inconseqüentes.

Arrastadas pelos impulsos primários, as multidões, esfaimadas ou desorientadas, alternam as festas orgiásticas, nas quais milhões de criaturas se esfalfam na agitação e no se-

xo, no álcool e nas drogas, com os desfiles de protestos violentos, sob justificativas reais ou interesseiras, promovidas por partidos adversários – que sempre os há em qualquer forma de governo. O descontentamento faz parte da conduta humana e, por isso mesmo, surgem sempre facções novas apresentando projetos mirabolantes, absurdos, nos quais se comprazem, gerando anarquia e malquerença.

...

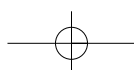
Torna-se inadiável a redescoberta da integridade moral do indivíduo.

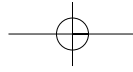
Integridade de pensamento, de palavra e de ação.

Mediante a integridade o suborno e a corrupção cedem lugar à ordem e à vivência dos significados profundos da Vida.

Não apenas propiciam o crescimento dos grupos sociais, seu desenvolvimento econômico, cultural e de relacionamento interpessoal, como também de evolução individual.

A conquista da integridade é lenta e contínua, a fim de que cada um descubra a própria autenticidade, adquirindo e preservando os seus valores morais, e não apenas vivendo conforme padrões utilitaristas, estabelecidos pelo mercado das ofertas e a propaganda exagerada em torno dos encantos fugazes: beleza física, sempre vencida pelo tempo; triunfo pessoal sobre os escombros de outras vidas; conqui-





tas horizontais de fácil deterioração; rápidas viagens pelos destaques pe-riodísticos...

A integridade, à medida que se vai instalando no sentimento moral, auxilia no descobrimento dos objetivos reais que todos estabelecem, mas se encontram em outros caminhos levados por imposições estranhas, de pessoas ou Instituições que os dirigem para o que lhes é mais conveniente, sem auscultar-lhes o íntimo, as suas reais necessidades, os seus legítimos interesses.

O verbo ganhar adquiriu primazia no contexto sociológico da atualidade. Ganhar mais dinheiro, ganhar mais posição social, ganhar mais poder, ganhar mais aplauso, e quando se atinge o topo descobre-se o vazio interior, encontra-se o tédio, detém-se na amargura ou tomba-se na depressão.

Poder-se-ia também estabelecer que se faz necessário conquistar, ao invés de ganhar, a paz, o controle sobre as paixões, o direcionamento adequado para a felicidade que, normalmente, independe do que se possui, revelando-se no que se é.

Com integridade interior acalmam-se o tumulto das aspirações desmedidas, a revolta diante das perdas naturais do processo evolutivo, a ansiedade pelo projetar-se cada vez mais, a inquietação que nunca se satisfaz com o conseguido, o mau humor que instala o pessimismo.

A programação da integridade estabelece como fundamentais: a auto-análise, a fim de identificar-se o que é útil, eliminando o excessivo e pernicioso; as metas existenciais, que podem harmonizar o coração e iluminar a mente; a conduta a vivenciar em todos os

momentos, produzindo bem-estar e saúde global.

É certo que os homens e as mulheres apresentam aspirações muito diferenciadas em razão dos diversos níveis de consciência em que transitam. Nada obstante, todos possuem interesses em comum, que são colocados em diferente ordem, dando primazia a um em detrimento do outro, embora estejam listados na pauta da eleição geral.

A sabedoria para eleger aqueles que são mais significativos do ponto de vista moral e espiritual, torna a integridade pessoal legítima em relação à aparência da conduta elitista ou utilitária que passou a expressar-se na generalidade humana.

...

Jesus desconsiderou os valores atribuídos ao poder terreno, às coisas que encham os olhos e intumescem de orgulho o ser, mas que logo perdem o sentido, quando a enfermidade, a velhice e a morte se apresentam.

Exemplo máximo de integridade, transitou entre as criaturas como lídimo representante da felicidade real, mesmo quando levado ao sarcasmo, ao abandono e à traição, à morte infamante...

Os Seus valores, aqueles a que dava sentido, não ficaram sem significado, embora a vulgaridade dos poderosos de um dia, que foram consumidos pelo tempo, ou serviram de estímulo para a exaltação dos perversos e insensatos que também ficaram no olvido.

Permanecem íntegros, iluminando milhões de vidas que lhes apreendem os conteúdos.

Redescobrir a integridade, neste momento de conflitos e danos de

todo porte, é alternativa única, por certo, para tornar o indivíduo autêntico perante si mesmo, o seu próximo e Deus.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 1/1/2003, no Centro Espírita Caminho da Redenção, Salvador, Bahia, Brasil.)

Conclusões populares

Faze tu, quanto te caiba,
Com teus cuidados cristãos!
O olho fiel do dono
É mais ágil que cem mãos.

Quem fala pouco na estrada
Evita muita contenda.
Prende agora a tua língua
Se não queres que te prenda.

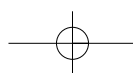
Perdoa e auxilia sempre...
Quem ofensas muito apura,
Não tem a calma precisa,
Nem tem a vida segura.

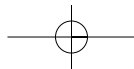
Aos homens sem Jesus-Cristo
Não mostres, perdendo a calma,
Nem o fundo de teu bolso,
Nem o fundo de tua alma.

Se desejas grandes luzes,
Não sejas aflito e louco.
Em nenhum lugar da vida,
O que é muito custa pouco.

Casimiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco C., *Gotas de Luz*. 6. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 14, p. 37-38.





ENTREVISTA: JOSÉ PLÍNIO MONTEIRO

Uma visão da Cruzada dos Militares Espíritas

O Presidente da Cruzada dos Militares Espíritas, José Plínio Monteiro, comenta os objetivos e ações da instituição que integra o Conselho Federativo Nacional como Entidade Especializada

P. – Há quanto tempo atua no Movimento Espírita?

JPM – Atuo no Movimento Espírita desde 1978, quando comecei a travar contato com a Doutrina, em Brasília.

P. – Como se envolveu com o trabalho de unificação?

JPM – Após o meu envolvimento com a Cruzada dos Militares Espíritas passei, progressivamente, a conhecer outras instituições espíritas, inclusive participando de seus trabalhos. Vieram posteriormente as atividades desenvolvidas em conjunto por entidades localizadas no Rio de Janeiro, onde servia como profissional, desenvolvendo-se nossa percepção do trabalho espírita como um esforço coletivo.

P. – Em que período passou a integrar a Diretoria da Cruzada dos Militares Espíritas?

JPM – Passei a integrar a Diretoria da CME a partir de 1994.

P. – Quais as linhas mestras de atuação da Cruzada e como é sua organização?

JPM – As linhas mestras de atuação da Cruzada, consubstanciadas no seu Estatuto, assim estão definidas: congregar o maior



José Plínio Monteiro, falando na Reunião do CFN

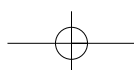
número de associados com a denominação genérica de “Cruzados”; realizar o estudo do Espiritismo, em seus fundamentos filosóficos, científicos e religiosos, sobretudo nos Grupos de Estudos Doutrinários (GEDs) que vierem a funcionar nas Organizações Militares das Forças Armadas, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar; promover a difusão doutrinária através de palestras e cursos, bem como pelos meios de comunicação, inclusive por intermédio de órgão(s) doutrinário(s) próprio(s).

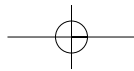
P. – Quantos Núcleos estão em funcionamento? Sempre em espaços militares?

JPM – A CME conta com trinta Núcleos, disseminados por grande parte do nosso território, do Rio Grande do Sul ao Amazonas; de Mato Grosso do Sul a São Paulo. Alguns Núcleos funcionam em instalações militares e outros em sede própria, estes com maior incidência no sul do País. Em Brasília, por exemplo, nosso Núcleo está ocupando instalações no Oratório do Soldado, que abriga também católicos e evangélicos, cada qual no seu espaço específico.

P. – Poderia registrar um episódio interessante sobre a presença espírita propiciada pela Cruzada em área de difícil acesso?

JPM – Em várias localidades da Amazônia, até época recente, nossos Delegados constituíam o único canal de distribuição de material doutrinário. Por outro lado, alguns dos nossos Núcleos instalaram-se junto a comunidades muito carentes, com elevados índices de violência, às quais passaram a levar os benefícios do esclarecimento e da solidariedade, influenciando de manei-





ra sensível na melhoria desse quadro em suas respectivas áreas de influência. Certas áreas, denominadas de “alto risco”, abrigam Núcleos da CME. Ali todos os frequentadores têm livre trânsito e até mesmo “proteção especial”, sem jamais ocorrer qualquer constrangimento para quem quer que seja.

P. – Qual ação da Cruzada considera prioritária para favorecer a difusão doutrinária?

JPM – As atividades desenvolvidas pelos Grupos de Estudos Doutrinários certamente constituem a ação primeira, porque ensejam maior abrangência e estão voltados para o interior de cada quartel, alcançando a todos os que desejarem conhecer o Espiritismo.

P. – Como avalia o desenvolvimento do Conselho Federativo Nacional desde o início de sua participação?

JPM – Não me sinto muito à vontade para avaliar o desenvolvimento do CFN, pela minha pequenez diante de tão elevado auditório. Diria que a cada encontro tem sido possível observar a evolução na dinâmica estabelecida, tanto no que respeita ao conteúdo quanto no que concerne à objetividade. A CME tem plena consciência da razão de sua presença no encontro e dele participa muito mais para aprender, cooperando no que estiver ao seu alcance.

P. – Teria uma mensagem ao leitor de Reformador?

JPM – A CME é obra da fraternidade. Não divide os homens, nem semeia ódios ou controvérsias pessoais. Não há imposições, nem dogmas. Pregar-se-á para quem quiser ouvir e apontar-se-á para os que “têm olhos para ver”.

A expressão moral-espiritual da Cruzada reside na liberdade de crer e no respeito a todas as demais crenças ou religiões.

Não disputamos honras ou grandezas humanas, mas acreditamos no amor de Deus e propagaremos as verdades evangélicas. Adoramos Deus e Jesus à nossa forma. Se assim não fora, não compreenderíamos as variadas modalidades do Cristianismo. São maneiras de adorar o mesmo Deus.

Todas as religiões ou crenças encerram verdades divinas. Impossível seria pela inteligência e fé compreender Deus, em sua absoluta sabedoria, abandonando os Seus filhos porque não ficaram filiados a esta em vez daquela religião ou crença. A história das religiões antigas ou modernas prova a sucessão progressiva dos conhecimentos espirituais, através dos vários estágios da civilização. “Viva de tal forma que o seu exemplo seja, talvez, o único Evangelho que as pessoas possam estudar.” ■

Indagações a nós mesmos

Que seremos na casa de nossa fé, em companhia daqueles que comungam conosco o mesmo ideal e a mesma esperança?

Uma fonte cristalina ou um charco pestilento? Um sorriso que ampara ou um soluço que desanima? Uma abelha laboriosa ou um verme roedor?

Um raio de luz ou uma nuvem de preocupações?

Um ramo de flores ou um galho de espinhos?

Um manancial de bênçãos ou um poço de águas estagnadas?

Um amigo que compreende e perdoa ou um inquisidor que condena e destrói?

Um auxiliar devotado ou um expectador inoperante?

Um companheiro que estimula as particularidades elogiáveis do serviço ou um censor contumaz que somente repara imperfeições e defeitos?

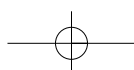
Um pessimista inveterado ou um irmão da alegria?

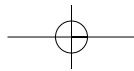
Um cooperador sincero e abnegado ou um doente espiritual, entrevado no catre dos preconceitos humanos, que deva ser transportado em alheios ombros, à feição de problema insolúvel?

Indaguemos de nós mesmos, quanto à nossa atitude na comunidade a que nos ajustamos, e roguemos ao Senhor para que o vaso de nossa alma possa refletir-lhe a Divina Luz.

André Luiz

Fonte: XAVIER, Francisco C., *Correio Fraterno*. Diversos Espíritos. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998, cap. 23, p. 61-62.





As enfermidades espirituais

Marta Antunes Moura

As enfermidades espirituais produzem distúrbios ou lesões no corpo físico decorrentes de desarmonias psíquicas originadas das condições pessoais do enfermo, da influência de entidade espiritual, ou por ação conjunta de ambos. Podem ser consideradas como de baixa, média ou de alta gravidade.

As de baixa gravidade, mais fáceis de serem controladas, costumam surgir em momentos específicos da vida, quando a pessoa passa por algum tipo de dificuldade: perdas afetivas ou materiais; doenças físicas; insucesso profissional, entre outras. São situações em que as emoções afloram impetuosamente, gerando diferentes tipos de somatizações: ansiedade, angústia, dores musculares, enxaqueca, distúrbios na digestão (náuseas, cólicas, azia, má absorção alimentar etc.). Ocorrem distúrbios do sono, da atenção e do controle emocional. Nessa situação, a prece representa um poderoso instrumento de auxílio, pois eleva o padrão vibratório do necessitado. A mudança vibratória permite que a assistência dos benfeitores espirituais favoreça o reajuste psíquico, emocional e físico. A pessoa recupera, então, as rédeas sobre si mesma, rompendo com as idéias perturbadoras, próprias ou de outrem.

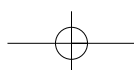
As doenças espirituais de média gravidade podem prolongar-se por anos a fio, mantendo-se dentro de um mesmo padrão ou evoluindo para algo mais grave. Com o passar do tempo, podem apresentar um quadro sintomatológico característico de um tipo específico de patologia: insônia persistente; gastrite e ulceração gástrica; infecções

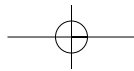
Faz-se necessário desenvolver persistente trabalho de renovação mental e comportamental da pessoa necessitada de auxílio

microbianas repetidas; crises alérgicas costumeiras; dores musculares penosas, formadoras de nódulos ou pontos de tensão; dificuldades respiratórias seguidas da desagradável “falta de ar”; hipertensão; obesidade ou magreza; crises de enxaqueca prolongadas, não controláveis por medicamentos; humor claramente afetado, oscilante entre crises de irritabilidade e impaciência inco-muns e momentos de indiferentismo e submissão emocionais; epi-

sódios depressivos repetidos seguidos de euforia exagerada. Se não ocorre a desejável assistência espiritual em benefício do necessitado, nessa fase da evolução da enfermidade, os doentes podem desenvolver comportamentos caracterizados, sobretudo, por “manias” e pelo isolamento social. As idéias e os desejos do enfermo ficam girando dentro de um círculo vicioso, conduzindo à criação de formas-pensamento, alimentadas pela vontade do próprio necessitado e pela dos Espíritos desencarnados, sintonizados nesta faixa de vibração. As orientações espíritas, se aceitas e seguidas, proporcionam imenso conforto, podendo reduzir ou eliminar o quadro geral de perturbações, sobretudo se associada às ações médicas e psicológicas. Assim, faz-se necessário desenvolver persistente trabalho de renovação mental e comportamental da pessoa necessitada de auxílio. A prece, o passe, a água fluidificada, o estudo do Evangelho no lar, a assistência espiritual (atendimento e diálogo fraterno, frequência às reuniões de explanação do Evangelho e de irradiações espirituais), o estudo espírita, entre outros, representam instrumentos de auxílio e de renovação psíquica, em geral disponibilizados pelas nossas Casas Espíritas.

As enfermidades espirituais, classificadas como graves, são encontradas em pessoas que revelam perdas temporárias ou permanen-





tes da consciência. A perda da consciência, lenta ou repentina, pode estar associada a uma causa fisiológica (velhice) ou a uma patologia (lesões cerebrais de etiologias diversas). Nessa situação, o enfermo vive períodos de alheamentos ou alienações mentais, alternados com outros de lucidez. Esses períodos são particularmente difíceis, pois a pessoa passa a viver numa realidade estranha e dolorosa, sobretudo quando o Espírito enfermo vê-se associado a outras mentes enfermas, em processos de simbioses espirituais. O doente requisita atendimento médico especializado, no campo da psiquiatria. A fluidoterapia espírita suaviza a manifestação da doença, auxiliando o tratamento médico. A assistência espiritual, oferecida pela Casa Espírita, age como bálsamo, minorando o sofrimento dos encarnados – doente, familiares e amigos – e dos desencarnados envolvidos na problemática. O atendimento ao perturbador espiritual nas reuniões de desobsessão, assim como as irradiações mentais em benefício do obsessor e do obsidiado produzem resultados significativos, fundamentais ao processo de libertação espiritual.

As enfermidades espirituais representam uma realidade, impossível de ser ignorada, sobretudo nos tempos atuais, quando sabemos da existência de um alerta superior que nos aponta para a urgente necessidade de avaliarmos a nossa conduta moral, desenvolvendo ações e atitudes compatíveis com a Lei de Amor, Justiça e Caridade.

As enfermidades espirituais deixarão de existir, esclarecem-nos os benfeitores espirituais, quando nos renovarmos para o bem. Nesse

sentido, são oportunas as elucidações do Espírito André Luiz: “A enfermidade, como desarmonia espiritual (...) sobrevive no perispírito. As moléstias conhecidas no mundo e outras que ainda escapam ao diagnóstico humano, por muito tempo persistirão nas esferas torturadas da alma, conduzindo-nos ao reajuste. A dor é o grande e abençoado remédio. Reduca-nos a atividade mental, reestruturando as peças de nossa instrumentação e polindo os fulcros anímicos de que se vale a

nossa inteligência para desenvolver-se na jornada para a vida eterna. Depois do poder de Deus, é a única força capaz de alterar o rumo de nossos pensamentos, compelindo-nos a indispensáveis modificações, com vistas ao Plano Divino, a nosso respeito, e de cuja execução não poderemos fugir sem graves prejuízos para nós mesmos.”*

*XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu*, pelo Espírito André Luiz. 21. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. 21, p. 174.

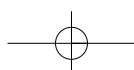
A subjugação

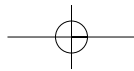
A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constringido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constringido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horripelmente.

Fonte: KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 72. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. XXIII, item 240, p. 309.





PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Renovemo-nos hoje

Meus amigos:

Que Nosso Senhor Jesus-Cristo nos conserve o amor no coração e a luz no cérebro, para que nossas mãos permaneçam vigilantes e diligentes no bem.

Quem assinala os dramas de aflição a emergirem da treva nas sessões mediúnicas, percebe facilmente a importância da vida humana como estação de refazimento e aprendizado.

Principalmente para nós, os que procuramos no Espiritismo uma porta iluminada de esperança para o acesso à verdade, a existência na Terra se reveste de subido valor, porque não desconhecemos os perigos da volta à retaguarda.

Sentimos de perto o martírio das criaturas desencarnadas que se deixaram arrastar pelos furacões do crime e o tormento das almas, sem a concha física, que ainda se apega desvairadamente à ilusão.

Somos testemunhas de culpas e remorsos que passaram impunes diante dos tribunais terrestres, e anotamos a Justiça Imanente, Universal e Indefectível, que confere a cada Espírito o galardão da vitória ou o estigma da derrota, segundo as realizações que edificou para si mesmo.

Sabemos que não vale perguntar com a Ciência, menoscabando a consciência, e não ignoramos que

as tragédias e as lágrimas que fazem o inferno, nas regiões sombrias, se originam, de maneira invariável, do sentimento desgovernado e vicioso.

Vede, pois, que, em nos chegando ao Cristo de Deus, buscando-lhe a inspiração para os nossos serviços e ideais, nada mais fazemos que situar os nossos princípios no lugar que lhes é próprio, porque a nossa Doutrina Renovadora é, sobretudo, um roteiro de aperfeiçoamento do homem, com a sublimação do caráter.

O Espiritismo não é um esporte da inteligência. É um caminho de purificação para a glória eterna

Entre as realidades amargas que nos visitam os templos de intercâmbio e certas predicções de companheiros cultos e entusiastas, mas imperfeitamente acordados para as responsabilidades que lhes competem, lembremo-nos de que quase vinte séculos de Cristianismo verbal viram passar no mundo troncos e Estados, organizações e monumentos, guerras e acordos, casas

de caridade e santuários de estudo em todas as linhas da civilização do Ocidente, erguendo-se em nome de Jesus e tornando ao pó de que nasceram, tão-somente com o benefício da experiência dolorosa, haurida entre a sombra e a desilusão.

Levitemo-nos para a fé que nos redima por dentro.

Deus é o Senhor do Universo e da Natureza, mas determina sejamos artífices de nossos próprios destinos.

Renovemo-nos hoje ao Sol do Evangelho!

Cada qual de nós use a ferramenta das idéias superiores de que já dispõe e de conformidade com a lição de nosso Divino Mestre, estudada por nós nesta noite. Trabalhe-mos, “enquanto é dia”, na preparação do futuro de paz.

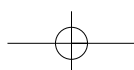
O Espiritismo não é um esporte da inteligência. É um caminho de purificação para a glória eterna.

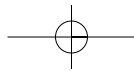
No cume da montanha que nos compete escalar, aguarda-nos o Senhor como o Sol da Vida.

Desentranhemos, assim, a gema de nossa alma do escuro cascalho da ignorância, para refletir-lhe a Divina Luz!

Cairbar Schutel

Fonte: XAVIER, Francisco C., *Vozes do Grande Além*. Diversos Espíritos. 4. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 65-67.





Lei do Progresso

Washington Borges de Souza

Os últimos dois séculos transcorridos constituem, inegavelmente, período áureo da história humana, pelas conquistas e resultados conseguidos no exercício das atividades intelectuais, científicas e tecnológicas.

O adiantamento material e espiritual foi relevante, permitindo ao homem dar largas passadas, ultrapassar os limites da Terra e conseguir, por outro lado, conceber a vida em novas dimensões.

Tais constatações não significam, evidentemente, que os habitantes terrenos tenham superado a ignorância e as imperfeições disseminadas por diversos recantos do Planeta. Contudo, ao considerarmos, por exemplo, a abolição da escravidão, em todas as nações, é forçoso concluir que esse fato, mesmo isoladamente, constitui importante vitória contra a ignóbil prática de subjugar o semelhante, nosso irmão, o próximo.

Do ato da condenação do Cristo de Deus ao culto que hoje lhe é prestado, em muitos locais e por vários segmentos religiosos, nota-se grande alteração do comportamento humano. O Sinédrio, com relação a Jesus, não exerceu sua atribuição de julgar, como era normalmente de sua alçada. Naquele episódio já havia a condenação antecipada do Cristo. Houve, apenas, a montagem de uma impostura, uma

simulação de julgamento para enganar e satisfazer o ódio de uma malta ignorante. O mundo de então estava mergulhado em densas trevas, que somente o curso do tempo e os emissários divinos têm o encargo de dissipar. Naquelas circunstâncias e perante aquela súcia, o sacrifício infame de Jesus teve caráter de um fato comum, sem relevância. Aquele bando de algozes, de completa carência intelectual e moral, não podia imaginar que sua ação estava relacionada com os destinos do Planeta. Toda aquela encenação constituía o mais infamante labéu da humanidade terrena.

Hoje, decorridos dois milênios das lamentáveis cenas do Calvário, ainda é imperativo absoluto desalojar do coração humano o orgulho e o egoísmo para que o homem possa defender-se da influência perniciosa do materialismo e praticar as leis da fraternidade e amor ao próximo, conduta indispensável para sentir-se feliz e encontrar o rumo da perfeição a que se destina.

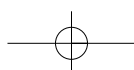
Pode ser compreensível que a pessoa que tenha os olhos permanentemente voltados para o chão, em busca de bens perecíveis, não creia em Deus. O que é difícil de entender e aceitar é como pode o ser humano olhar para o céu, mirar as estrelas que cintilam, ter permanente contacto com as leis naturais que regem o Universo e não perceber a presença do Criador misericordioso e amoroso que está em toda a parte.

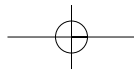
O advento do Espiritismo, na segunda metade do século XIX, abriu imensas oportunidades de ampliação dos conhecimentos nos domínios da Psicologia e de outras atividades científicas. Aprofundaram-se conhecimentos atinentes à vida e à matéria inerte. Surgiram novos horizontes para a Humanidade. Após milênios, o Espiritismo dá ensejo à aproximação da Ciência e da Religião.

O progresso constante das criaturas e dos mundos onde habitam faz parte dos decretos da Divina Providência. É, portanto, imposição inabalável. A Doutrina Espírita esclarece que ocorre primeiramente o adiantamento intelectual, daí resultando o progresso moral, sempre dificultado pelo orgulho e pelo egoísmo que o entram mas não o impedem de realizar-se.

O princípio da reencarnação ou das vidas sucessivas do Espírito é a prescrição natural destinada a assegurar-lhe o aperfeiçoamento, sendo que a educação, em sentido amplo, é o meio eficiente para que a alma atinja a sua destinação. O progresso moral das criaturas é, inegavelmente, a grande necessidade atual da humanidade terrena.

O Consolador prometido e enviado por Jesus nos exorta a combater permanentemente nossos erros e defeitos, grandes ou pequenos, para podermos evoluir. Estimula, também, continuamente, a prática do bem, da justiça, do amor a Deus e ao próximo, da caridade, e a buscar o conhecimento da verdade, como meios e modos infalíveis de avançar, de conformidade com a soberana e indefectível Lei do Progresso. ■





Bezerra de Menezes adverte sobre as adendas perniciosas

Jorge Hessen

O Espiritismo traz-nos uma nova ordem religiosa que precisa ser preservada. Nela o Cristo desponta como excelso e generoso condutor de corações e o Evangelho brilha como o Sol na sua grandeza mágica. Doutrina que cresceu demasiadamente nos últimos lustros, em suas hostes surgiram bons líderes ao tempo que também apareceram imprudentes inovadores com a presunção de “atualizar” Kardec.

A Terceira Revelação é a resposta sábia dos Céus às interrogações da criatura aflita na Terra, conduzindo-a ao encontro de Deus. Cremos que preservá-la da presunção dos *reformadores* e das propostas ligeiras dos que o ignoram e apenas fazem parte dos grupos onde é apresentado, constitui dever de todos nós.

Bezerra de Menezes tem demonstrado preocupação com a manutenção da singeleza dos postulados espíritas, senão, vejamos: *“Neste momento, contabilizamos glórias da Ciência, da Tecnologia, do pensamento, da arte, da beleza, mas não podemos ignorar as devastadoras estatísticas da perversidade que*

se deriva dos transtornos comportamentais (...).

(...) as criaturas humanas ainda não encontraram o ponto de realização plenificadora. Isto porque Jesus tem sido motivo de exco-gitações imediatistas no campeonato das projeções pessoais, na religião, na política e nos interesses mesquinhos.”¹

Se abraçamos o Espiritismo, por ideal cristão, não podemos negar-lhe fidelidade. O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante das enxertias conceituais e práticas anômalas que alguns companheiros intentam impor no seio do Movimento Espírita.

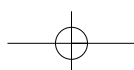
Para os mais afoitos, a pureza doutrinária é a defesa intransigente dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; para outros, não menos afoitados, é a rígida igualdade de tipos de comportamentos sem a devida consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiam as pessoas. Sabemos que o excesso de rigor na defesa doutrinária pode levar a graves erros, se enveredarmos pelas trilhas de extremismos injustificáveis, posto que redundarão em divisão inaceitável, em face dos impositivos da fraternidade. É óbvio que não podemos converter defesa da pureza kardequiana em cristali-

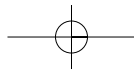
zada padronização de práticas que podem obstar a criatividade espontânea diante da liberdade de ação.

Não obstante repelir as atitudes extremas, não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas e não hesitemos, quando a situação se impuser, em nos alertar sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus. É importante não esquecermos que nas pequeninas concessões vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação.

“É necessário preservar o Espiritismo conforme o herdamos do eminente Codificador, mantendo-lhe a claridade dos postulados, a limpidez dos seus conteúdos, não permitindo que se lhe instale adenda perniciosa, que somente irá confundir os incautos e os menos conhecedores das suas diretrizes”² É inegável que existem inúmeras práticas não compatíveis com o projeto doutrinário que urge sejam combatidas à exaustão, nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas.

Apresentando certa apreensão quanto ao Movimento Espírita, nosso Benfeitor recorda: *“A Boa Nova (...) produz júbilo interno e não algazarra exterior. (...) não é lícito que nos transformemos em*





peças insensatas no trato com as questões espirituais. Preservar, portanto, a pulcritude e a seriedade da Doutrina no Movimento Espírita é dever que nos compete a todos e particularmente ao Conselho Federativo Nacional através das Entidades Federadas."³ (Destacamos.)

Sobre os que ainda se fixam demasiadamente nas questões fenomênicas, Bezerra lembra: "(...) a mediunidade deve ser exercida santamente, cristãmente, com responsabilidade e critérios de elevação para não se transformar em instrumento de perturbação e desídia."⁴ O exercício da mediunidade deve ser reservado às pessoas que conheçam Espiritismo, pelo fato de ser extremamente perigosa a participação de pessoas despreparadas em trabalhos mediúnicos. E por desatenção desse tópico, após mais de um século de mediunidade à luz da Doutrina Espírita, temo-la ainda atualmente ridicularizada pelos intelectuais, materialistas e ateístas, que insistem em desprezá-la até hoje.

Em nome do Espiritismo, há aqueles que propõem práticas alternativas, que nada têm a ver com a terapêutica espírita. Em recente entrevista ao jornal *Alavanca* – abril/maio-2000 – Divaldo Franco adverte sobre as "terapias alternativas – 'curanderismos' e a fascinação na prática mediúmica, apontando-os como fatores que têm desestabilizado o projeto da unidade doutrinária".⁵

É por essas e outras que a revista *Veja*⁶ registra que os médicos da ala conservadora da Psiquiatria consideram os médiuns como dotados de neuroses, psicoses, desvios de personalidade, esquizofrenias.

Muitos adeptos do Espiritismo desconhecem Allan Kardec, Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângelis, Bezerra de Menezes e outros consagrados expoentes da difusão doutrinária e lastimavelmente estão agulhoados nas práticas que comprometem todo projeto doutrinário.

"*Mantende o espírito de paz, preservando os objetivos abraçados e, caso seja necessário selar vosso compromisso com testemunho, não titubeeis.*"⁷ O exercício dos códigos evangélicos impõe-nos a obrigatoriedade fraternidade e compreensão para com os adeptos dessas práticas, o que não quer dizer que devemos omitir-nos quanto à oportuna advertência para que a Casa Espírita

não se transforme em academia de ilusões. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ Bezerra de Menezes. (Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 9 de novembro de 2003, no encerramento da Reunião do Conselho Federativo Nacional, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília. Publicada com o título "Brilhe a vossa luz", em *Reformador*/dezembro/2003, p. 8 (446) e 9 (447).

² *Idem, ibidem.*

³ *Idem, ibidem.*

⁴ *Idem, ibidem.*

⁵ *Jornal Alavanca* – abril/maio-2000.

⁶ *Revista Veja*. SP, abril-1999.

⁷ Cf. Bezerra de Menezes. Mensagem psicofônica In: *Reformador*/dezembro/2003.

Nosso trabalho

O nosso trabalho é de dedicação à causa da Verdade, estabelecendo as linhas da Fraternidade e do Bem, começando a vivência cristã em nosso íntimo, em nosso lar, na família – a célula gloriosa da nossa redenção –, para daí partirmos na direção da família terrestre sob as bênçãos do Planeta-Mãe que nos hospeda há milênios.

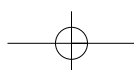
As nossas decisões são baseadas nas palavras de Jesus; a nossa definição é o Evangelho, que faz falta ao mundo, e que, aparentemente divulgado, não tem encontrado ressonância nos corações, apesar de memorizado e repetido pelos expoentes das doutrinas religiosas.

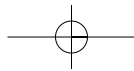
Jesus, para nós, é o zênite e o nadir, pelo que tem feito em benefício nosso desde o princípio, nesta grande paixão que mantém por nós, a fim de que nos apressemos para encontrar a paz.

Porfiai, pois, obreiros da Era Nova! Tende a coragem de discutir sem dissentir, de discordar sem separar, porque o nosso fulcro é a Verdade que defenderemos com a própria vida, como temos feito – muitos de nós – através dos evos.

Bezerra

Fonte: Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, na Reunião do Conselho Federativo Nacional, em 7/11/1992. (Transcrição parcial extraída de *Reformador* de dezembro de 1992, p. 13 (361).)





Antes que venha o arrastão

Richard Simonetti

Mateus, 13:47-50.

Ao tempo de Jesus era usado no Mar da Galiléia o arrastão, uma forma de pescaria.

Os pescadores preparavam redes quadradas, bem grandes, que permaneciam numa posição vertical dentro d'água, mediante a utilização de pesos e flutuadores. Eram levadas pelos barcos e deixadas em determinada localização. A partir dali eram puxadas para a praia, por cordas, colhendo todos os tipos de peixes, suficientemente grandes para ficarem presos em suas malhas.

Havia proibições de consumo, pela lei judaica, como está na orientação mosaica, em Levítico (11:12):

Tudo o que não tem barbatanas nem escamas, nas águas, será para vós abominável.

Juntamente com os peixes não comestíveis e de mau sabor, eram jogados de volta ao mar ou iam para o lixo.

...

Jesus usa a imagem do arrastão para transmitir um de seus ensinamentos sobre o Reino dos Céus.

(...) é semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha toda espécie de peixes.

Quando está cheia, os pescadores a retiram e, sentados na praia, escolhem os bons para os cestos, e o que não presta, deitam fora.

Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes.

No aspecto físico, o Reino de Deus abrange o Universo. O Criador está em tudo e em todos.

No aspecto individual é uma condição íntima, aquele momento de iluminação em que nos integramos plenamente na Vida, cidadãos do Universo.

No aspecto coletivo seria a instalação de uma sociedade formada por Espíritos iluminados.

Com o crescimento espiritual da Humanidade amplia-se o contingente dos que realizaram o Reino em seus corações.

Hoje, uma minoria.

Em alguns séculos, talvez, a maioria.

Acontecerá, então, o arrastão da parábola.

Colhidos pelas malhas da Justiça, aqueles que não se enquadram na nova ordem serão jogados na *fornalha ardente*...

Naturalmente, trata-se de um simbolismo, uma imagem forte, que a teologia medieval levou ao pé da letra, concebendo a idéia do inferno de fogo, onde as almas com-

prometidas queimam sem se consumir, em perenes sofrimentos.

...

O Espiritismo oferece idéia diferente.

Não estarão irremissivelmente condenados os recalcitrantes. Serão simplesmente degredados em planetas inferiores, onde enfrentarão dificuldades e dissabores, sob orientação da mestra Dor, lá bem mais severa.

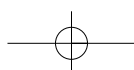
Isso, somado às saudades da Terra e dos afeiçoados que aqui ficarão, quebrará a rebeldia, favorecendo sua renovação.

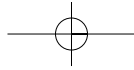
Redimidos, ainda que isso exija o concurso dos milênios, retornarão ao nosso mundo.

Segundo Emmanuel, no livro *A Caminho da Luz*, há alguns milênios havia um planeta no sistema de Capela, uma estrela, na constelação do Cocheiro, cuja população atingira um estágio de evolução que permitiria a promoção daquele planeta.

Deixaria de ser um mundo de expiação e provas, como é a Terra, cujos habitantes são orientados pelo egoísmo, e passaria a mundo de regeneração, com uma população disposta a assumir a cidadania do Reino de Deus.

Ocorre que uma parcela da população não estava sintonizada com os novos rumos. Então, houve o arrastão, envolvendo milhões de re-





calitrantes. A direção espiritual do planeta os transferiu para um mundo em evolução primária.

Você pode imaginar qual seria, amigo leitor?

Se pensou em nosso planeta, acertou.

Os capelinos encarnaram no seio das raças humanas, promovendo desde logo grandes transformações, já que mentalmente eram muito mais evoluídos, embora moralmente em estágio semelhante aos terrestres.

Os antropólogos espantam-se com a civilização neolítica. Em algumas centenas de anos grandes conquistas foram obtidas – a domesticação dos animais, a descoberta da agricultura, a formação da escrita, a utilização de metais, a vida urbana...

O Homem, que estava praticamente na idade da pedra, repentinamente se viu em meio a grandes conquistas.

Foram iniciativas dos capelinos que deram origem, inclusive, às grandes civilizações, como a egípcia, a hindu, a indo-européia e a hebraica.

Detalhe importante. Não estão bem definidos para os antropólogos os fatores que determinaram sua extinção.

Mas, à luz do Espiritismo, é simples explicar.

Na medida em que os degredados, renovados e redimidos, retornaram ao planeta de origem, as civilizações que edificaram entraram em decadência.

Imaginemos uma família rica e abastada, que construa moderno palacete numa favela. Depois de alguns anos, o proprietário muda-se e deixa o imóvel para os favelados. Estes,

sem condições para cuidar adequadamente dele, deixam que se deteiora, até transformar-se em ruínas.

Foi o que aconteceu com aquelas civilizações. Morreram porque o homem terrestre não tinha competência para preservá-las.

...

Algo semelhante ocorrerá com a Terra, no grande arrastão.

Seitas pentecostais o anunciam para breve, ainda neste século.

Proclamam seus arautos:

– Arrependam-se! Jesus está chegando!

O Espiritismo confirma que isso acontecerá, não como uma condenação eterna, mas como um degredo transitório para aqueles que não realizarem o Reino em suas almas.

Parece-me, amigo leitor, que não ocorrerá em tempo breve. Fácil entender a razão. No Sermão da Montanha Jesus nos dá uma pista de quem ficará, ao proclamar:

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.

Significa que ficarão aqueles que houverem conquistado a mansuetude. Se acontecesse agora, certamente, nosso planeta seria transformado num deserto, porquanto raras pessoas efetuaram essa conquista.

Estamos tão longe da mansidão, em face do caráter agressivo que caracteriza o homem, orientado pelo egoísmo, que o termo manso guarda uma conotação pejorativa.

Chamar alguém de manso é xingá-lo, equivalente a dizer que corre sangue de barata em suas veias.

No entanto, é apenas alguém que venceu a agressividade; que não reage ao mal com o mal; que guarda as raízes de sua estabilidade no próprio íntimo.

Se bem observarmos, verificaremos que muitos males que conturbam as relações humanas, em todos os níveis, inspiram-se na agressividade, sempre com o propósito de favorecer o interesse pessoal.

...

Podemos fazer um teste ligeiro, a fim de verificar se estamos conquistando a mansidão, habilitando-nos ao Reino, ou se corremos perigo no arrastão.

1 – Somos submetidos a uma cirurgia e permanecemos acamados por alguns dias.

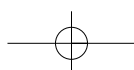
- a) Cultivamos a oração e a serenidade, procurando não incomodar ninguém, nem aumentar a preocupação dos familiares.
- b) Perturbamos a todos com gemidos e reclamações, como se estivéssemos sob tortura num leito de faquir, sobre um colchão de pregos.

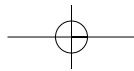
2 – Um conhecido passa por nós sem nos cumprimentar.

- a) Consideramos que não nos viu ou estava distraído.
- b) Ficamos possessos: – Pretensioso! Julga que tem um rei na barriga!

3 – O cônjuge está meio quieto, fechado, poucas palavras.

- a) Imaginamos que deve estar cansado, querendo um pouco de sossego.
- b) Estressamos e logo clamamos





que está querendo nos levar à loucura com seu mutismo.

4 – No trânsito, um motorista buzina atrás, assim que abre o sinal.

- a) Consideramos que deve estar com pressa. Engatamos a primeira e seguimos em frente.
- b) Castigamos o atrevido, demonstrando para avançar. Se torna a buzinar, fazemos um sinal malcriado, mandando-o passar por cima.

5 – Cruzamos uma rua preferencial, inadvertidamente. Um motorista, cujo carro quase foi atingido, faz gesto pejorativo, sugerindo barbearagem.

- a) Admitimos que precisamos estar mais atentos.
- b) Gritamos a plenos pulmões, recomendando-lhe que vá procurar aquela senhora, que o pôs no mundo.

6 – O chefe nos adverte quanto a uma falha.

- a) Desculpamo-nos, com a disposição de melhorar nosso desempenho.
- b) Mal contemos o desejo de pular em seu pescoço, e, intimamente, formulamos ardentes votos de que ele vá para o diabo que o carregue.

7 – O subordinado comete uma falha.

- a) Tratamos de orientá-lo para uma melhor condução do serviço.
- b) Lembramos-lhe de que se não der um jeito na sua atuação profissional há dezenas de desempregados que podem fazer o dobro do que faz, pela metade do ordenado.

8 – Os vizinhos envolvem-se numa discussão, pondo-se a gritar uns com os outros.

- a) Consideramos que devem estar com algum problema e oramos por eles.
- b) Chamamos a polícia para dar um jeito naqueles malucos.

9 – O filho vai mal na escola.

- a) Dispomo-nos a acompanhá-lo nas tarefas, ajudando-o.
- b) Damos-lhe uma surra homérica, prometendo fazer pior se voltar a tirar notas baixas.

10 – Num grupo de trabalho, em atividade religiosa, não aceitam nossa sugestão.

a) Ficamos tranquilos, considerando que muitas cabeças pensam melhor que uma só.

b) Reclamamos que é uma cambada de pretensiosos que não deixa espaço para ninguém, e nos afastamos.

Se nossas respostas envolvem em maioria a opção “a”, podemos ficar tranquilos. Estamos bem em nosso aprendizado espiritual.

Se as respostas mais freqüentes envolvem a opção “b”, há deficiências comprometedoras.

É preciso cuidado, torcendo para que não venha o arrastão antes de vencermos os arrastamentos da agressividade. ■

No livro d'alma

Se tens fé, não te aflija a noite escura.
Ao coração que a lágrima domina,
Ele estende, amoroso, a mão divina
E abre as portas da paz, risonha e pura.

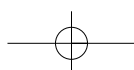
Alivia a aspereza da amargura
E sobre as trevas de miséria e ruína
Acende nova estrela matutina,
Na esperança sublime que perdura.

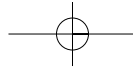
Se a crença viva te dirige os passos,
Sob a carícia de celestes braços
Receberás o pão, a luz, o abrigo...

Ama a cruz que te ampara e regenera
E, envolvendo-te em santa primavera,
O Mestre Amado seguirá contigo.

Auta de Souza

Fonte: XAVIER, Francisco C., *Correio Fraterno*, por Diversos Espíritos. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998, cap. 40, p. 97.





ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

É para isto

“Não retribuindo mal por mal, nem injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo; sabendo que para isto fostes chamados.”
– (I Pedro, 3:9.)

A fileira dos que reclamam foi sempre numerosa em todas as tarefas do bem.

No apostolado evangélico, reparamos, igualmente, essa regra geral.

Muitos aprendizes, em obediência ao pernicioso hábito, preferem o caminho dos atritos ou das dissidências escandalosas. No entanto, mais algum raciocínio despertaria a comunidade dos discípulos para a maior compreensão.

Convidar-nos-ia Jesus a conflitos estéreis, tão-só para repetir os quadros do capricho individual ou da força tiranizante? Se assim fora, o ministério do Reino estaria confiado aos teimosos, aos discutidores, aos gigantes da energia física.

É contra-senso desfazer-se o servidor da Boa Nova em lamentações que não encontram razão de ser.

Amarguras, perseguições, calúnias, brutalidade, desentendimento? São velhas figurações que atormentam as almas na Terra. A fim de contribuir na extinção delas é que o Senhor nos chamou às suas fileiras. Não as alimentes, emprestando-lhes excessivo apreço.

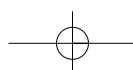
O cristão é um ponto vivo de resistência ao mal, onde se encontre.

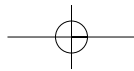
Pensa nisto e busca entender a significação do verbo suportar.

Não olvides a obrigação de servir com Jesus.

É para isto que fomos chamados.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. 21. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 118, p. 247-248.





Dr. March

Uma vida dedicada à caridade

Hélio Ribeiro Loureiro

Recentemente, quando estudávamos para fazer uma apresentação no X Encontro Estadual Espírita-Esperantista do Estado do Rio de Janeiro, ocorrido no dia 7/12/03, na sede da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ), tivemos a atenção despertada para uma informação contida no livro *O Esperanto na Visão Espírita*, de Ismael Gomes Braga, editado pela Societo Lorenz. Já sabíamos que Lázaro Luís Zamenhof, o criador do Esperanto, tinha sido médico na Polônia, de início como clínico geral para depois dedicar-se à Oftalmologia. Mas não sabíamos que ele havia passado por agruras financeiras. Para obter, em um dia de trabalho, o rendimento que um médico, no centro de Varsóvia, conseguia atendendo a cinco clientes, o Dr. Zamenhof tinha que atender a mais de trinta. Foi, verdadeiramente, um apóstolo da Medicina. E, como nos encontrávamos em Niterói, cidade onde está sediada a FEERJ, nada melhor do que incluir em nossa fala a história de um homem que foi igualmente apóstolo da Medicina e esperantista, que viveu grande parte de sua vida na ex-capital fluminense.

Estamos falando do Dr. Guilherme Taylor March, médico homeopata, presidente honorário do Instituto Hahnemanniano do Brasil. Embora havendo conhecido o Esperanto já na idade madura, o Dr. March serviu-se dele para corresponder-se com médicos homeopatas de diversas partes do mundo.

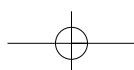


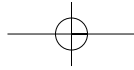
De inteligência invulgar, mas profundamente humilde, ele conheceu a Homeopatia quando ainda era um jovem estudante de Medicina. Residia o Dr. March na capital do Império, na cidade do Rio de Janeiro, e é então quando um jovem empregado adoece e é atendido por um médico homeopata. Depois de demorada consul-

ta, prescreveu os remédios que deveriam ser tomados de hora em hora, e Guilherme, o futuro Dr. March, ofereceu-se para velar a noite toda junto ao doente. Quando o médico voltou no dia seguinte, para a visita ao enfermo, encontrou-o de volta aos seus afazeres de caixeiro, plenamente restabelecido. Isso impressionou Guilherme e certamente o influenciou para sua entrega total à ciência homeopática.

Não dando certo a sua clínica no Rio de Janeiro, aceitou o convite que um amigo lhe fez e veio morar e trabalhar em Niterói, antiga capital da Província do Rio de Janeiro, onde se estabeleceu num imóvel alugado no centro da cidade. Foi o primeiro médico homeopata de Niterói e, como sempre acertava em seus diagnósticos receitando o remédio correto, sua fama se espalhou pela cidade, que então contava com pouco mais de dez mil habitantes. Não cobrava consulta. Quem podia, pagava como o desejasse. Essa prática quase o levou à falência completa, enquanto os aluguéis do imóvel onde morava e trabalhava se avolumavam sem qualquer solução à vista.

Foi quando aconteceu algo que, nos dias atuais, se torna quase inexplicável: a população da cidade, extremamente grata a ele, dá-lhe uma casa de presente! Fato iné-





dito na história do País, tamanha era a gratidão do povo por ele! O imóvel ficava situado no bairro do Barreto, próximo ao centro de Niterói. Quem chegava do Rio pelas barcas devia tomar um bonde com destino à vizinha São Gonçalo, e ao perguntar ao motorneiro (condutor do bonde) onde ficava a casa do Dr. March, ele informava que não tinha como errar. Ao chegar em frente à sua casa, o motorneiro gritava: “Casa do Dr. March!” O efeito era surpreendente: o bonde ficava quase vazio! A procura era tamanha que, a um seu pedido, o povo construiu, nos fundos de sua casa, uma pequena vila de quartos, para que ele atendesse aos necessitados de toda ordem, os quais viajavam dias a pé para consultar-se. As pessoas chegavam e encontravam um lugar para descansar, roupas limpas, e sempre havia uma sopa fumegante no fogão para saciar-lhes a fome do corpo.

O Dr. March ganhou tanta notoriedade que não tinha mais como dormir em sua cama. Atendia até cerca de meia-noite, tendo iniciado seu labor já às seis da manhã, e a um leve toque em sua porta, que dormia destrancada, ele pulava da rede de lona que armava na sala e atendia ao doente.

Homens como esse não ficam muito tempo na Terra. E uma insidiosa doença levou-o ao leito, o que, todavia, não o impediu de continuar clinicando. Deitado no leito, transformou seu quarto num consultório e atendia às pessoas ali mesmo. Nessa época, havia ganhado uma pequena farmácia, que montou em sua própria casa e onde sua filha Eponina manipulava os remédios por ele receitados. Os

doentes já saíam com o remédio pronto.

Pelo inusitado, uma outra ocorrência, ligada ao prestígio do Dr. March, merece registro. Os farmacêuticos da cidade, ao atenderem um cliente com receita assinada por ele, perguntavam se a pessoa podia pagar o remédio. A resposta era quase sempre negativa, mas o remédio era fornecido gratuitamente, como expressão de respeito a uma pessoa que aos olhos de todos era o anjo bom do povo naquela época.

A doença insidiosa progrediu de uma tal forma que o Dr. March entrou em coma. Foi quando ocorreu mais um lance emocionante de sua extraordinária vida. Um de seus filhos era bancário e, ao finalizar um atendimento, deu ao cliente seu cartão de visita, em que figurava o nome March. O cliente, curioso com aquela coincidência, perguntou-lhe se ele tinha algum parente que já havia morrido e que assinava “G. March”. Ele respondeu, assustado, que quem assinava assim era seu pai que, entretanto, estava vivo, em coma, mas vivo. O cliente então lhe mostra uma receita homeopática adquirida no dia anterior, pela via da psicografia. Explicou-lhe que através de uma jovem sonâmbula, residente num bairro pobre não muito distante do centro da cidade, de nome Engenhoca, o Espírito de um médico, que se assinava “G. March”, estava atendendo a muita gente... Era o Dr. March que, desdoblado, atendia aos deserdados de toda a sorte.

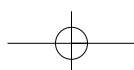
Mas, chegou o dia em que ele teve que partir. E Niterói cobriu-se de luto. Foi o enterro mais concorrido daquela época. Podemos afirmar que todos os habitantes da ci-

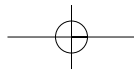
dade, beneficiados ou não por ele, acorreram às ruas para saudar o cortejo fúnebre. Um trecho de poucos quilômetros, que poderia ser percorrido em no máximo meia hora, levou mais de seis horas para se completar. Era o povo que não deixava passar o cortejo a transportar o corpo daquele que ficou conhecido como o “Pai dos Pobres” de nossa região.

Poucos meses depois, na sede histórica da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, numa sessão nobre, é proposta a criação de um Instituto que tivesse o nome do Dr. March e que fosse destinado a meninas órfãs. E, no início da década de trinta do século passado, numa memorável tarde de verão, católicos, protestantes, judeus, maçons reuniram-se aos espíritas fluminenses para fundar o Instituto Dr. March. Chico Xavier ficou ciente do ocorrido. Nessa época, sua mãe, Maria João de Deus, lhe havia ditado o livro *Cartas de uma morta*, e ele resolveu doar os direitos autorais para o nascente Instituto, que funciona até hoje, não mais com meninas órfãs, mas como uma creche gratuita que atende a quase trezentas crianças.

Homens como esse, histórias como essa, não podem ficar esquecidos. Por isso, estamos preparando a edição de um livro sobre a vida desse apóstolo da Medicina, que se utilizou do Esperanto para aprimorar-se na ciência homeopática. Ele soube, sem dúvida, dedicar-se à prática do Bem, associando-a aos ideais da fraternidade universal inscritos no estandarte do Esperanto.

Ao Dr. March, nossa eterna gratidão. ■





A FEB E O ESPERANTO

Zamenhof

Affonso Soares

Lázaro Luís Zamenhof é uma personalidade universal, cultuada em todas as regiões do Planeta pelos que utilizam o Esperanto e praticam seus ideais de fraternidade, concórdia, união acima de quaisquer fronteiras, materiais e espirituais.

Recentemente, um eminente esperantista japonês, Kanzi Ito, concluiu um grandioso projeto, concebido e iniciado em 1973, de publicar a obra completa de Zamenhof, cuja editoração foi concluída no corrente ano, atingindo a imponente cifra de 57 alentados volumes, em que figuram, principalmente, as obras originais e traduzidas, dicionários, periódicos, epistolário, correspondência do compilador com outros biógrafos de Zamenhof, obras de outros pioneiros da Língua Internacional, entre muitas peças ligadas à figura do criador do Esperanto.

Mas não apenas eruditos reverenciam a memória do grande apóstolo da Fraternidade, benfeitor da Humanidade,

nascido em 15 de dezembro de 1859 na pequena cidade polonesa de Bialystok. Em todos os quadrantes do globo, associações de esperantistas, disseminadas tanto em grandes centros de cultura como em mal conhecidos lugarejos, põem em prática o genial instrumento de comunicação, exercitam os ideais superiores a ele indissolavelmente ligados, assim homenageando, pelo diuturno serviço no Bem, aquele que desceu aos cenários terrestres com a missão de contribuir para o advento da fase universalista da vida em nosso mundo.

No Brasil, a influência das idéias e princípios do Espiritismo, acolhi-

da pelo coração generoso de imensa parcela de sua gente, permitiu que aqui se estabelecessem poderosos e idôneos canais de comunicação com as regiões esclarecidas do mundo espiritual, através dos quais também temos recebido belas, edificantes manifestações de habitantes do Além-Túmulo a respeito do Esperanto.

A que aqui vamos reapresentar é um soneto do grande poeta brasileiro Cruz e Souza, em que expressa sua reverente homenagem à figura de Lázaro Luís Zamenhof. Ao lado do original em português, recebido por Francisco Cândido Xavier, transcrevemos a não menos magistral versão em Esperanto feita pelo eminente literato esperantista, mestre em Lingüística, atual Presidente da Academia de Esperanto, Prof. Geraldo Mattos. ■

Zamenhof

Grande Irmão, Missionário e Mensageiro,
Não acendeste, em vão, na noite escura,
A estrela da esperança, terna e pura,
Que brilha agora para o mundo inteiro.

Não sofreste, de balde, o cativoiro
Da carne que é flagelo e desventura;
Tua mensagem lúcida fulgura
Sob o amor do Divino Pegureiro.

Em teu apostolado augusto e santo,
Desfraldaste a bandeira do Esperanto
Unindo os povos na Fraternidade!...

Gênio Celeste entre os Celestes Gênios
Brilharás na memória dos milênios,
Vanguardeiro da nova Humanidade!

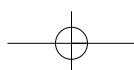
Zamenhof

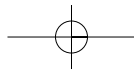
Anĝelo, misiisto, frato pia,
Ne vane vi, en nokto de mizero,
Lumigis la kandelon de l'espero,
Brilantan nun tra l'tuta mondo nia.

Ne vane vin turmentis la karcero
De l'karno – skurĝo kaj malbono fia,
Ĉar sub la beno de l'Paŝtisto Dia,
Mesaĝo via brilas por la vero.

Per Esperanto, Sankta Apostolo,
Vi ligis mem popolon al popolo
En amo kaj frateco ĉiopova!

Nun, Ĉielulo inter diaj briloj,
Vin dankos kaj memoros la jarmiloj,
Ho Pioniro de l'homaro nova!





1º Congresso Espírita do Amazonas



Sessão de Abertura: Saudação da Presidente da FEA, Sandra Farias de Moraes, ladeada por (a partir da esquerda): André Luiz Peixinho, Altivo Ferreira, Samuel Magalhães e Luciano Klein Filho

A Federação Espírita Amazonense realizou, no período de 8 a 11 de abril, o 1º Congresso Espírita do Amazonas, como parte das comemorações de seu Centenário, mas destacando, também, o Bicentário de Nascimento de Allan Kardec, os 120 anos da Federação Espírita Brasileira e os 140 anos do lançamento de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. O tema central – *O Espiritismo na construção de um mundo melhor* – foi abordado em palestra pública na Sessão de Abertura, que ocorreu no Auditório da Universidade do Estado do Amazonas.

As atividades do Congresso desenvolveram-se no Instituto Denizard Rivail, através de palestras e painéis a cargo dos expositores Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Altivo Ferreira (SP), André Luiz Peixinho (BA), José Alberto Machado (AM), Luciano Klein Filho (CE) e Samuel Nunes Magalhães (AM). Foram, também, apresentados temas livres nos intervalos das exposições.

Desculpa

Escuta serenamente
Quem te repele ou censura.
Há muito fel de amargura,
Em forma de maldição.
Às vezes quem te maltrata
Arrasta apenas consigo
Sede, fome e desabrigo
Por brasas no coração.

Quem te injúria e escarnece,
Na frase agressiva, azeda,
Em si sofre a labareda
Que verte do próprio mal.
Toda cólera é doença.
Aquele que se enraivece
Solicita o pão e a prece
Do socorro fraternal.

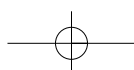
Muita gente cai nas trevas,
Por não achar, no caminho,
Brandura, silêncio e ninho,
No peito amigo de alguém.
Inda que ofensas te cubram
E lâminas te retalhem,
Que as tuas forças não falhem
Na força que espalha o bem.

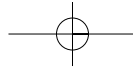
Desculpa, constantemente,
O golpe, a pedrada, o insulto,
Apesar do pranto oculto,
Amargo, desolador!

Quem tolera e quem perdoa,
Embora de alma ferida,
Encontra, na própria vida,
O reino do Eterno Amor.

Irene Sousa Pinto

Fonte: XAVIER, Francisco C., VIEIRA, Waldo. *Antologia dos Imortais*. 4. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 97-98.





FEB/CFN - COMISSÕES REGIONAIS

Reunião da Comissão Regional Nordeste



Sessão Plenária: Aspecto parcial da Mesa

Realizou-se em Fortaleza (CE), no período de 16 a 18 de abril, a XVIII Reunião Ordinária da Comissão Regional Nordeste do Conselho Federativo Nacional, da Federação Espírita Brasileira, com a

presença de integrantes de todas as Entidades Federativas da Região: Federação Espírita do Estado de Alagoas, Federação Espírita do Estado da Bahia, Federação Espírita do Estado do Ceará, Federação Espírita

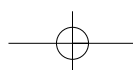
do Maranhão, Federação Espírita Paraibana, Federação Espírita Pernambucana, Federação Espírita Piauiense, Federação Espírita do Rio Grande do Norte e Federação Espírita do Estado de Sergipe. Compareceram, também, a Presidente da Federação Espírita Amazonense (Região Norte), o Presidente da Associação Médico-Espírita do Ceará e uma representante da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo. A equipe da Federação Espírita Brasileira contou com 13 participantes.

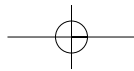


Reunião dos Dirigentes: Aspecto parcial (I)

Sessão de Abertura

A Sessão de Abertura, iniciada com prece e saudação da Presidente da FEEC, Olga Lúcia Espíndola





Freire Maia, e dirigida pelo Coordenador das Comissões Regionais, ocorreu na noite de 16 de abril, sexta-feira, quando foi proferida a palestra pública comemorativa do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, por Luciano Klein Filho, que, utilizando *datashow*, fez excelente exposição sobre fatos e vultos da história do Espiritismo na França e no Brasil.



Reunião dos Dirigentes: Aspecto parcial (II)

Reunião Geral

A Reunião Geral foi instalada na sexta-feira, após a palestra pública, quando o Coordenador prestou informações gerais sobre a pauta a ser desenvolvida e, após a apresentação individual de todos os participantes, interrompeu os trabalhos, a fim de que tivessem início, na manhã de sábado, dia 17, as sete reuniões setoriais: a dos Dirigentes e as das Áreas de Atividade Mediúnic, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita e Atendimento Espiritual no Centro Espírita.

Reunião dos Dirigentes

Esta reunião contou com os seguintes participantes: pela FEB – Altivo Ferreira (Coordenador), Antonio Cesar Perri de Carvalho (Secretário-Executivo da Secretaria Geral do CFN) e Edinólia Pinto Peixinho (Secretária *adoc*, na ausência,

por recomendação médica, do titular Francisco Bispo dos Anjos); pelas Federativas Estaduais, os respectivos Presidentes – Alagoas, Sebastião Geraldo da Silva; Bahia, Creuza Santos Lage; Ceará, Olga Lúcia Espíndola Freire Maia; Maranhão, Ana Luiza Nazareno Ferreira; Paraíba, José Raimundo de Lima; Pernambuco, Sônia Maria Arruda Fonseca; Piauí, Ornálio Bezerra Monteiro; Rio Grande do Norte, Sandra Maria Borba Pereira; e Sergipe, Raimundo Gregório. Os Presidentes estiveram acompanhados por Vice-Presidentes, Assessores e, como observadores, alguns convidados.

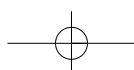
O Coordenador informou aos presentes que a FEB estava lançando, na Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, a edição especial de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, comemorativa dos 140 anos de sua publicação (foi distribuído um exemplar a cada Federativa), assim como os quatro primeiros volumes da *Revue Spirite* (*Revista Espírita*), de Allan Kardec, em tradução de Evandro Noleto Bezerra.

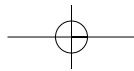
Aprovada a Ata da Reunião de 2003, Cesar Perri coordenou a exposição sobre o andamento e os re-

sultados do curso “Capacitação Administrativa para Dirigentes de Casas Espíritas” – transmitido em toda a Região, durante o ano de 2003 –, com o relato, pelas Federativas, das atividades desenvolvidas junto aos seus órgãos regionais e Centros Espíritas para a implementação do curso, adaptando-o em consonância com as realidades próprias e as condições dos participantes, mas sem sair dos objetivos e metas propostos.

Quanto ao assunto da reunião, “Ação da Casa Espírita ante os avanços e necessidades do homem – com vistas à avaliação das experiências colhidas com a aplicação do Projeto”, os Dirigentes relataram as providências adotadas para a aplicação do Projeto elaborado e aprovado na Reunião de 2003, salientando os resultados já obtidos em algumas Casas Espíritas. Na próxima reunião serão trazidas as informações sobre como foram desenvolvidas as atividades pertinentes ao Projeto: o que foi feito, com quem, e quais os indicadores de sucesso.

A próxima reunião será realizada em Teresina (PI), nos dias 8, 9 e 10 de abril de 2005, com abordagem do assunto “Preparar o Centro Espírita para interagir no processo





federativo, na sua condição de unidade fundamental do Movimento Espírita”.

Sessão Plenária

A Reunião Geral foi reiniciada, com a Sessão Plenária, na manhã de domingo, dia 18. Proferida a prece, foram apresentados os seguintes relatos dos trabalhos desenvolvidos nas reuniões setoriais:

Área da Atividade Mediúnica, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com o apoio de Edna Maria Fabro. Assunto da reunião: “A Prática Mediúnica: 1. Qualificação do trabalhador do grupo mediúnico; 2. Organização e funcionamento do grupo mediúnico (tipos, funções, estruturas); 3. Comunicação dos Espíritos: a equipe encarnada, a equipe espiritual, o diálogo com os Espíritos; 4. Avaliação da prática mediúnica.” Assunto para a próxima reunião: “Sugestões de procedimentos e roteiros para a prática mediúnica”.

Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba, com o apoio de Sônia Regina Ferreira Zaguetto. Assunto da reunião: “Planejamento Estratégico na comunicação integrada”, sendo abordadas, também, as Campanhas da FEB aprovadas pelo Conselho Federativo Nacional. Assunto para a próxima reunião: “O Espiritismo na TV: desafios e oportunidades”.

Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Maria Túlia Bertoni. Assuntos da reunião: “1. Avaliação do II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE; 2. Estudo do Manual de



Reunião dos Dirigentes: Aspecto parcial (III)

Organização e Funcionamento do ESDE”. Assunto para a próxima reunião: “Campanha de interiorização do ESDE”.

Área da Infância e Juventude, coordenada por Rute Vieira Ribeiro, com o apoio de Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi. Assunto da reunião: “O papel do DIJ no Movimento Espírita”. Assunto para a próxima reunião: “Campanha de Interiorização do Trabalho da Infância e da Juventude”.

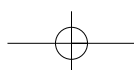
Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira, com o apoio de Maria de Lourdes Pereira de Oliveira. Assuntos da reunião: “1. As políticas públicas e a Assistência e Promoção Social Espírita; 2. A interação do SAPSE e o Terceiro Setor; 3. Experiências das Federativas no Controle Social (Conselhos de Direito). Assunto para a próxima reunião: “Resultados da aplicação do Manual do SAPSE pelos Centros Espíritos”.

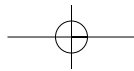
Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, coordenada por Maria Euny Herrera Ma-

sotti. Assunto da reunião: “Análise da Reunião de Assistência Espiritual – Item IV de *Orientação ao Centro Espírita*. Assunto para a próxima reunião: “Técnicas de Entrevistas no Atendimento Fraterno”.

Reunião dos Dirigentes: O relato dos principais assuntos tratados pelos Dirigentes coube à Secretária da reunião, Edinólia Pinto Peixinho.

No encerramento dos trabalhos, os Presidentes das Federativas visitantes fizeram suas considerações finais e despedidas, salientando, todos, o fraterno acolhimento dos dirigentes e trabalhadores da Federação Espírita do Estado do Ceará. Em clima de muita emoção, a Presidente da FEEC agradeceu aquelas calorosas manifestações e apresentou os devotos colaboradores que ensejaram o êxito da reunião. O Coordenador, em breves palavras, apresentou os agradecimentos da equipe da FEB e convidou o Presidente da Federativa do Piauí, anfitriã da próxima reunião, para proferir a prece final. ■





Muito ajuda quem não atrapalha

Rogério Coelho

“(...) Estejamos certos de que muito coopera e auxilia sempre quem trabalha e não atrapalha.”

– André Luiz¹

O Espírito de Verdade desenha, com muita nitidez e perfeição, o *modus operandi* dos verdadeiros obreiros do Senhor, ao afirmar:²

“(...) Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: ‘Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra’, porquanto o Senhor lhes dirá: ‘Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!’ Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! (...)”

Erasto nos ensina como reconhecer os verdadeiros obreiros do Senhor:³

“(...) Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconheçê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconheçê-los-

-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios (...)”

Em página de peregrina beleza e onusta de ensinamentos úteis para a nossa Vida de relação, André Luiz ensina:⁴

“(...) Se você não consegue evitar a irritação, use o silêncio; se não aprova o socorro material aos necessitados, não apague a chama da beneficência no coração daqueles que a praticam; se ainda não sente facilidade para esquecer as faltas alheias, não considere por subserviência a atitude louvável dos irmãos que olvidam o mal, a qualquer instante, em louvor do bem; se não acredita no valor do diálogo construtivo, em favor dos irmãos ignorantes e infelizes, não menospreze o esforço daqueles que o cultivam buscando a libertação dos companheiros ensombrados em desequilíbrio; se não admite o amparo das Entidades humildes, na supressão das dificuldades de Espírito e das desarmonias do corpo, enquanto estamos na Terra, não menoscabe o apoio de semelhantes auxiliares que se guiam pelas bênçãos da Natureza; se não dispõe de recurso para a cordialidade com todos, não impeça que outros a exemplifiquem, na prática da fraternidade; se não suporta o clima de intercâmbio com os amigos encarnados ou desencarnados, ainda presos,

de certo modo, às trevas de Espírito, não subestime o trabalho de quantos se dedicam a reconfortá-los e esclarecê-los; se não pode abraçar os portadores de opiniões e crenças diversas das suas, não julgue por irresponsabilidade a tarefa respeitável de quantos se aplicam à solidariedade para aproveitamento no bem de todos os obreiros da fé que nos partilhem a convivência e o caminho; se não sabe unir os irmãos de experiência na sustentação das boas obras, não tenha por bajulação o comportamento daqueles que colaboram na harmonia e entrosamento de todos os corações para o bem.

É natural pense cada um como possa e ninguém deve promover a violência na Obra de Deus, mas, em qualquer tempo e situação, estejamos certos de que muito coopera e auxilia sempre quem trabalha e não atrapalha.” ■

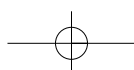
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

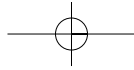
¹XAVIER, Francisco C., *Endereço da Paz*. Ed. CEU.

²KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 121. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. XX, item 5, p. 315.

³*Idem, ibidem*, item 4, p. 314.

⁴XAVIER, Francisco C., *Endereço da Paz*. Ed. CEU.





PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas

Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, quer nos pedindo conselho e julgamento de suas tendências, quer, da parte de alguns, na esperança de as serem publicadas na *Revista*. Todas nos foram entregues com a faculdade de delas dispor como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação e esperamos que ninguém haja de surpreender-se ante a impossibilidade de inseri-las todas, considerando-se que, além das já publicadas, há mais de três mil e seiscentas que, por si sós, teriam absorvido cinco anos completos da *Revista*, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos dos quais falaremos adiante. A apreciação crítica deste exame nos fornecerá matéria para algumas reflexões, de que cada um poderá tirar proveito.

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos com que se revestem. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a

quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados, e não de grupos. Só a fascinação poderia levá-los a ser tomados a sério e impedir se visse o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade das opiniões.

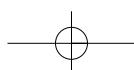
Todavia, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, sem significar que todas devam ser publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

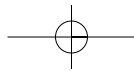
Os bons Espíritos ensinam mais ou menos a mesma coisa por toda a parte, porque em toda a parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; muitas vezes a diferença está apenas na correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, tendo em conta a publicidade, não se deve considerá-las de seu ponto de vista, mas do do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa, mas além do fato de que certas pessoas podem ter ilusão sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares se obtêm coisas semelhantes, e o que é de poderoso

interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá, as comunicações adquiriram, em todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos. Aquilo que então era admirado parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda a parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades adicionais, como forma ou como alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os espíritas e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela vastidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres do escolar o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações sob o título de *A Mesa Falante*, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500





a 1.800 assinantes, cifra enorme para a época. Continha uma porção de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, atraíam profundamente a curiosidade. Aí procuramos em vão alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista*; tudo quanto tivéssemos colhido seria hoje pueril e sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinquenta assinantes. Os espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, sem dúvida os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam aos milhares e que por toda parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco ou medíocre.

Não falamos assim para desencorajar as publicações; longe disso. Mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Aprofundando os seus ensinamentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter uma imensa utilidade, sob um duplo aspecto: espalhar nas massas o ensino dado na intimidade e mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos toda vez que forem feitas em boas condições.

Antes de mais nada convém de-

las afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; o importante é enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em

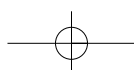
**No mundo
invisível, como na
Terra, não faltam
escritores, mas
os bons são
raros**

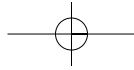
certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que des-

se número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum. Como essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes, inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais não encontramos, em trinta, mais que cinco ou seis de real valor. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se disfarce como garantia. Quanto mais alto o nome, maior o cuidado. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo; eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, muitas vezes, idéias excêntricas e traços inequívocos da mais profunda ignorância. É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais frequentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir; e alguns pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor atencioso que se encarregue da tarefa.





É principalmente em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, se não nos quisermos expor a fazer discípulos à nossa custa. É, ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios, que se retiram inevitavelmente quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em suma, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se

uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Algumas há cuja publicação seria intempestiva e, por isso mesmo, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias das que nos são dirigidas estão neste caso e, conquanto muito boas, devem ser adiadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – maio de 1863. Tradução de Evandro Noleto Bezerra.

O dedo de Deus

(Thionville, 25 de dezembro de 1862. Médium: Dr. R...)

Nós vos demos a entrever a aurora da regeneração humana. Nisto, como em toda a marcha da humanidade através das idades, deveis ver o dedo de Deus.

Já vo-lo dissemos muitas vezes: Tudo que acontece aqui na Terra, como tudo quanto se passa no Universo inteiro, está submetido a uma lei geral: a do *progresso*.

Inclinaí-vos ante ela todos vós que, orgulhosos e soberbos, pretendes colocar-vos acima dos desígnios do Todo-Poderoso! Buscai por toda a parte a causa de vossas desgraças, como de vossos prazeres, e aí reconheceréis sempre o dedo de Deus.

Mas, direis, então o dedo de

Deus é o fatalismo! Ah! guardai-vos de confundir essa palavra ímpia com as leis que a Providência vos impôs, essa mesma Providência que vos deve ter deixado o *livre-arbítrio*, para, ao mesmo tempo, vos deixar o mérito de vossos atos, mas que lhes tempera o rigor por essa voz, tantas vezes desconhecida, que vos adverte do perigo a que vos expondes.

O fatalismo é a negação do dever, porquanto, sendo nossa sorte fixada previamente, não nos cabe mudá-la.

Em que se tornaria o mundo com essa horrível teoria, que abandonaria o homem às pérfidias sugestões das piores paixões? Onde estaria o objetivo da criação? onde a razão de ser da ordem admirável que impera no Universo?

Ao contrário, o dedo de Deus

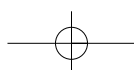
é a punição sempre suspensa sobre a cabeça do culpado; é o remorso que corrói o coração, censurando-lhe os crimes a cada instante do dia; é o horrendo pesadelo que o tortura durante longas noites insones; é esse rastro sangrento que o segue em todos os lugares, como para reproduzir a seus olhos, incessantemente, a imagem de sua malvadez; é a febre que atormenta o egoísta; são as perpétuas angústias do mau rico, que vê em todos que dele se aproximam espoliadores dispostos a roubar-lhe um bem mal adquirido; é a dor que experimenta em sua última hora por não poder levar seus inúteis tesouros!

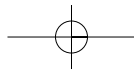
O dedo de Deus é a paz do coração reservada ao justo; é o suave perfume que vos repleta a alma após uma boa ação; é esse doce prazer que se experimenta sempre ao fazer o bem; é a bênção do pobre que se assiste; é o doce olhar de uma criança cujas lágrimas enxugamos; é a prece fervorosa de uma pobre mãe, a quem se proporcionou o trabalho que a deve arrancar da miséria; é, numa palavra, o contentamento consigo mesmo.

O dedo de Deus, enfim, é a justiça grave e austera, temperada pela misericórdia! o dedo de Deus é a esperança, que não abandona o homem em seus mais cruéis sofrimentos, que o consola sempre e deixa entrever ao mais criminoso, a quem o arrependimento tocou, um recanto da morada celeste, do qual se julgava rejeitado para sempre!

Espírito Familiar

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – setembro de 1863. Tradução de Evandro Noleto Bezerra.





Repensando Kardec Da Lei de Adoração

(Questões 649 a 673 de *O Livro dos Espíritos*)

Inaldo Lacerda Lima

Procuramos compreender bem mais o pensamento espírita, penetrando no conhecimento profundo desta Parte Terceira de *O Livro dos Espíritos*, que trata das Leis Morais, cujo capítulo primeiro, “Da Lei Divina ou Natural”, examinamos em nosso estudo anterior. São luminosos assuntos em que, com Allan Kardec, nos elucidam os Espíritos Reveladores através de onze outros capítulos de magna importância para nós, em cumprimento à função do Espiritismo ou Consolador, neste planeta.

Continuemos, hoje, com o capítulo denominado “Da Lei de Adoração”, em seis aspectos gerais: 1. *Objetivo da adoração*; 2. *Adoração exterior*; 3. *Vida contemplativa*; 4. *A prece*; 5. *Politeísmo*; e 6. *Sacrifícios*.

Começemos pelo **Objetivo da adoração** (questões 649 a 652), meditando atentamente em sua consistência, que se firma na elevação de nosso pensamento a Deus e que dEle nos aproxima. Em cada um de nós, Seus filhos, está presente a Sua

essência de Criador e Pai, tal como numa obra de arte qualquer costuma-se identificar a alma de seu autor.

Ora, em relação a Deus, que nos criou à Sua semelhança, isto é, sendo ele Espírito, Espíritos também nos fez, tal condição, portanto, impõe-nos um sagrado dever: o de estarmos nEle tanto quanto Ele, em essência, está em nós (João, 14:23), o que só se pode conseguir por uma constante reflexão em Seu supremo Amor e pelo que espera Ele de nós, desde a nossa criação: colocar-nos à Sua imagem (capítulo XVII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*). Se os Espíritos superiores dão-nos a percepção do hábito de orar, sempre observado em Jesus, pelos seus discípulos, é que tal hábito também nos convém, e muito!

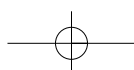
Quanto à **Adoração exterior** (questões 653 a 656) ou das aparências, nisso o próprio Cristo via um certo simulacro de adoração ou adoração ostentatória, com o propósito de ser alguém reconhecido como piedoso. É, na verdade, o que Deus quer é a sinceridade de coração naquele que ora, fazendo-o silenciosamente, sem qualquer alarde. Daí, nunca nos julgar apenas por nossos atos, mas sobretudo por

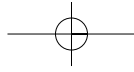
nossas intenções gravadas para sempre no âmbito da consciência.

Com relação à **Vida contemplativa** (questão 657), refere-se aos que se afastam do mundo para não se contaminarem com o mundo. Nesse grupo salientam-se os que, pelo egoísmo, se tornaram fanáticos, formando um mau juízo da Divindade – o de que Deus despreza os maus. É um equívoco decorrente da falsa crença no inferno, que não deixa de ser uma infâmia dos “doutos” teólogos contra o Pai de Amor e Bondade. O afastamento do mundo tira daquele que o pratica o exercício do amor fraternal, exercício que tanto agrada até mesmo a nós que somos pais ainda imperfeitos, em relação aos nossos filhos.

Analisemos, em seguida, o quarto aspecto, aquele que se nos afigura o mais importante para a criatura humana, no dever de adoração ao nosso Criador e Pai, que é **A prece** ou ação propriamente dita de orar (questões 658 a 666).

Dizem-nos os Espíritos superiores que é sempre mais agradável a Deus, quando a prece é ditada pelo coração, sem exagero ou excesso de palavras. Talvez, em face disso, nos tenha deixado o amado Mestre o exemplo de como se deve orar,





através do Pai Nosso constante dos versículos 9 a 13 do capítulo sexto do livro de Mateus, que é o segundo dentre o três em que se situa o *Sermão da Montanha*.

Sendo, pois, a prece um ato de adoração, precisa ela estar investida da mais profunda e sincera humildade, como do mais elevado respeito. Aliás, no entender deste modesto articulista, a prece não deixa de ser uma *entrevista* com Deus, num diálogo em que Ele nos *fala* através de nossa consciência. E os amigos espirituais nos esclarecem (questão 659) que a três coisas nos propomos pela prece: louvar, pedir e agradecer.

A prece pode, ainda, tornar melhor a quem quer que o deseje, desde que saiba valorizar o poder da Vontade. E, na questão seguinte, os Espíritos assistentes do Codificador nos instruem que *o essencial não é orar muito, mas orar bem*, pois o mérito não deve estar na extensão da prece, mas no propósito sincero de correção dos próprios defeitos.

O quinto aspecto (questões 667 e 668) diz respeito ao **Politeísmo**, que já deveria estar fora de cogitação ou de qualquer forma de sentido no momento histórico em que vivemos, não fosse a predominância do materialismo, revigorando a ignorância. Não deveria haver mais dúvida alguma a respeito da unicidade divina, salvo em povos que ainda separam ou dividem Deus, em suas convicções religiosas. O supremo Ser sentido e vivenciado no coração das massas religiosas – Deus –, repetimos, é o Criador e Pai de toda a Humanidade, sem exceção de raças e de crenças, chamem-nO Alá, Tao, Jeová ou outro nome. O que importa é re-

conhecê-LO como Pai de Amor e Bondade de todos os homens, bons e maus, justos ou injustos, porque todos, um dia, por evolução alcançarão plenitude espiritual da perfeição.

Quanto ao último aspecto, **Sacrifícios** (questões 669 a 673), em alguns pontos eles prevalecem na alma humana, infelizmente ainda hoje, como prova de ignorância. No passado, de que se guardam ainda amargas lembranças, porque gravadas nas páginas indelévels da História, os homens extrapolaram para a ação de queimar criaturas humanas na barriga ígnea de seus deuses de bronze; nas chamadas guerras “santas”, ainda em voga no Oriente, entre judeus, palestinos e outros; e, finalmente, durante cerca de um milênio, fizeram espetáculos com o assassinato odioso e perverso dos chamados hereges, em fogueiras colossais, contrariando o quinto Mandamento da lei divina

exarada no Monte Horeb da cadeia do Sinai, em face da mediunidade de Moisés.

Infelizmente, predominam ainda, em muitos lugares deste astro do céu, e muitas vezes em caráter oficial, outros tipos de sacrifícios como a *pena de morte*, a prática infame do *aborto*, a *eutanásia*, as *guerras* etc. Todavia, irmãos espíritas, faz parte do nosso trabalho mantermos vibrações intensíssimas no sentido da extinção dessas práticas alimentadas, umas pela vaidade e outras pela lamentável ignorância do Evangelho de Jesus, por culpa das religiões que, embora dizendo-se cristãs, se atêm mais à lei antiga do que à lei expressa no Evangelho.

Abreviar tudo isso, no sentido do que nos fala o capítulo 24 do Evangelista Mateus, seja o nosso principal esforço junto ao Pai de Amor e Bondade, numa adoração firme e consentânea com todo o nosso espírito de religiosidade à luz do Consolador prometido. ■

A Lúcida Certeza

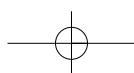
Paulo Nunes Batista

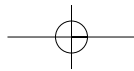
Já fui cego e vaguei pelos escuros
profundos túneis dos negativismos,
Desci às profundezas dos abismos
onde se apagam todos os futuros.

Em meu caminho ergui os altos muros
de orgulhos, de maldades, vis egoísmos.
Mas recebi dos céus, como batismos,
dores que me curaram de erros duros.

O Bem sarou-me todas as feridas.
Fiquei bom – fiz do Bem a fortaleza
além das mortes, para além das vidas...

Eu hoje sou a Lúcida Certeza
de que depois das vindas e das idas
existem Céus de Paz e de Beleza!...





É proibido evocar os mortos?

Severino Barbosa

A época de Moisés, a nação mais poderosa da Terra era o Egito. O povo considerava deuses os faraós, porque estes possuíam amplos e ilimitados poderes de vida e morte sobre os seus governados. A certeza na sobrevivência da alma e sua manifestação aos vivos, bem como o seu retorno a outro corpo em nova existência, era crença comum, aliás, registrada em pergaminhos e papiros, existentes muito antes do legislador hebreu e seus escritos.

Conforme registros históricos das antigas civilizações, não eram apenas os egípcios, mas também os babilônios, os mesopotâmios, os caldeus e demais povos, que cuidavam das manifestações mediúnicas. Além desses, também os hebreus, às ocultas. Isto significa dizer que a evocação dos mortos era prática comum. Estava na moda, pode-se dizer. Todavia, aqueles que chamavam os Espíritos, não o faziam com finalidade útil, primada pelo respeito, pelo sentimento de piedade, ou mesmo pela necessidade de se instruírem sobre as coisas do Além-Túmulo.

Consultando-se cuidadosamente os livros de Moisés, que são os cinco primeiros que abrem o Velho Testamento, que os judeus chamam “Torah”, verifica-se que, enquanto

por um lado, insignificante minoria de pessoas, naquela época, evocava os mortos para deles receber conselhos e elevadas instruções espirituais, isto com respeito e seriedade, por outro lado, a grande maioria levava a evocação para o campo da leviandade, da adivinhação, da superstição, do charlatanismo, da magia e coisas similares.

Naquela remotíssima época, o abuso alcançou um patamar tão estúpido, mas tão estúpido mesmo, que as práticas mediúnicas constituíam comércio rentável, de grande proveito para os médiuns e seus atravessadores.

Para Moisés, que tinha como missão libertar os hebreus da escravidão dos egípcios, não foi fácil combater os abusos da mediunidade comercializada. Os costumes estavam muito enraizados no espírito do povo.

Como bem reza a Bíblia, é verdade que Moisés proibiu terminantemente a evocação dos mortos. Veja-se o que ele diz: “Não é permitido entreter relações com eles [os Espíritos], seja imediatamente, seja por intermédio dos que os evocam e interrogam.” (Levítico, 19:31.) Afirma mais em Deuteronômio, 18:10-12: “Nunca exista entre vós quem consulte adivinhos, quem observe sonhos e agouros, quem use de malefícios, sortilégios, encantamentos, ou consulte os que têm o Espírito pitônico e se dão práticas

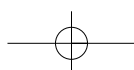
de adivinhação interrogando os mortos. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa entrada, as nações que cometem tais crimes.” (*O Céu e o Inferno*, cap. XI, item 1, 52. ed., FEB.)

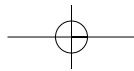
Moisés, percebendo que a evocação dos Espíritos era abusiva, induzindo os fanáticos até mesmo ao sacrifício de suas próprias vidas, proibiu-a.

A proibição foi justa. Teve como objetivo evitar o alastramento do mal, pois, como sabemos, não se pode fazer uso da mediunidade com fins levianos e comerciais. Como ensina o Espiritismo, os bons Espíritos também repudiam esse tipo de tráfico.

E mesmo que tais práticas tenham continuado e perdurem até o presente, fora dos Centros Espíritas e por médiuns interesseiros, coube ao Espiritismo a tarefa de apresentar à Humanidade o lado moral, construtivo, nobre, elevado, que advém das relações dos homens com os Espíritos, através das evocações.

Como se vê, a proibição do legislador e profeta hebreu, Moisés, de nenhum modo atinge o Espiritismo. Jamais se teve conhecimento de que os espíritas, no passado ou no presente, pela mediunidade ou sem ela, tenham sacrificado pessoas ou animais para atender aos caprichos dos Espíritos. E muito menos dos seus consulentes.





É mais do que verdade que no terreno da mediunidade, por sinal, vastíssimo, difícil e escorregadio, vez ou outra surge um médium descuidado que, por mero interesse pessoal, faz da prática mediúcnica um meio de vida. E quando isso acontece, eclodem as críticas azedas dos adversários, apontando a Doutrina Espírita como culpada. A acusação é injusta. E diga-se, a bem da verdade, servindo-me do raciocínio lógico de Allan Kardec, que o Espiritismo é tão culpado por esses médiuns irresponsáveis quanto a Medicina, a Ordem dos Advogados, a própria Justiça e demais órgãos representativos das classes profissionais, pela irresponsabilidade dos maus médicos, maus advogados, maus juízes etc.

Ora, se o Espiritismo existisse, como doutrina codificada, à época de Moisés, claro que ele teria aprovado a proibição de evocar-se os mortos (com fins comerciais) decretada pelo legislador hebreu.

Afirma Allan Kardec, em *O Céu e o Inferno*, que os espíritas não interrogam nem os astros nem os mortos “(...) para adivinhar a verdade sabiamente velada aos homens (...)”. Diz também que os espíritas, em comunicação com os mortos, não são movidos por curiosidade ou pela cupidez, mas por “(...) um sentimento de piedade, um desejo de instruir-se e melhorar-se, aliviando as almas sofredoras (...)”. (Cap. XI, item 4, p. 158, 52. ed., FEB.)

A conclusão é que Moisés teve razão para proibir a evocação dos Espíritos, com vistas a corrigir os abusos. Mas, hoje, com a disciplina e as orientações do Espiritismo, ele a aprovaria sem a menor restrição. ■

Iaponan A. da Silva

Desencarnou em 7 de março de 2004 o nosso companheiro Iaponan Albuquerque da Silva, Secretário de *Reformador* desde 21 de março de 1998. Antes foi suplente do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, de 1981 a 1983, passando a efetivo de 1984 a 1989. Nasceu a 4 de agosto de 1930.

Deixou nas páginas de *Reformador*, como excelente jornalista que era, uma série de artigos, como por exemplo, “Fatos históricos do Espiritismo no Brasil”, em 1982; “Ainda fatos históricos do Espiritismo no Brasil”, também em 1982; “P. P. Didier – Editor de Allan Kardec”, em 1981; “Centenário de uma perseguição”, em 1980; “Um homem chamado Amor”, artigo sobre Chico Xavier, em 1980. Salientou-se também como hábil cronista em contos bem arquitetados, quer pelos assuntos, quer pela linguagem.

Seus trabalhos sempre primaram pela qualidade, pela moral espírita, pelos conhecimentos históricos e científicos, jamais descuidando de trazer a estudo e comentários as respostas dos Espíritos Reveladores dadas a Kardec.

No final do seu artigo “Civilização e Progresso” lembrou-nos o que se segue: “A nós, espíritas, compete o dever inadiável de, à luz do

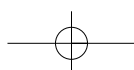


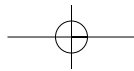
Evangelho de Jesus-Cristo, batalharmos pela implantação dos princípios cristãos, acrisolarmos virtudes e fugirmos às esdrúxulas fórmulas de renovação calcadas em extremismos de violência, cientes das luminosas palavras de André Luiz: ‘O homem renovado para o Bem é a garantia substancial da felicidade humana.’”

Iaponan, além de jornalista, era contador, tornando-se espírita aos 17 anos de idade. Casado com D. Elisa, não deixou filhos. Seu corpo foi sepultado a 8 de março no Cemitério de Irajá.

Em setembro de 2003 publicou em *Reformador* seu último trabalho, a que intitulou “Lição do Cotidiano”.

Certamente, após o seu traspasse, foi festivamente recebido pelo grande amigo e confidente, de muitos anos, Alberto Nogueira da Gama, com quem mantivera longos contatos sobre os mais diferentes assuntos, especialmente de natureza espírita. ■





FEB lança obras na 18ª Bienal Internacional do Livro

A Federação Espírita Brasileira participou da 18ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, de 15 a 25 de abril, lançando diversas publicações: os quatro primeiros volumes da *Revista Espírita*, dois livros infantis e uma edição comemorativa dos 140 anos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Durante os dez dias da Bienal, mais de 50 mil pessoas visitaram o nosso stand.

Com 120 anos de existência e amostras de seu catálogo de 412 títulos, a FEB teve uma atuação exclusivamente institucional na Bienal. Os livros estavam à mostra, mas não eram vendidos no stand da Editora e sim pelas livrarias e distribuidores, já que a FEB entende que não deve concorrer com seus revendedores. Todos os visitantes receberam dos recepcionistas informações sobre as edições FEB e uma lista com o nome e endereço de todos os stands que revendiam livros da Federação. 10 mil exemplares de *Reformador* e 26 mil sacolas personalizadas, com material informativo sobre a Doutrina Espírita e os lançamentos editoriais da FEB, foram distribuídos. Segundo os revendedores, 35 mil livros editados



Aspecto do público presente no stand da FEB

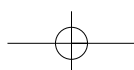
pela Federação foram vendidos na Bienal.

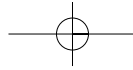
Para as crianças, foram distribuídos 26 mil exemplares da publicação *Turma da Paz com Allan Kardec*, com passatempos, jogos, brincadeiras e diversas informações sobre a Doutrina Espírita e Kardec.

As autoras dos livros *O Coelho Mexe-Mexe* e *Bom Louro* – a Vice-Presidente da FEB, Cecília Rocha, e Zaira Silveira – autografaram os dois primeiros volumes da série infantil nos stands da Federação Espírita do Estado de São Paulo (Feesp) e da Associação das Editoras, Distribuidoras e Divulgadores

do Livro Espírita (Adeler). Indica para crianças de 5 e 6 anos, a série infantil – integrada ainda pelos livros *Surpresa no Campo*, *O Gato Lindinho*, *A Sementinha Amarela* e *A Gotinha de Orvalho*, que serão lançados nos próximos meses – é escrita em linguagem acessível, com textos curtos, belas ilustrações, além de adesivos e passatempos relacionados com personagens da história.

Como parte das comemorações do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, que transcorre em outubro de 2004, a FEB lançou sua primeira tradução, em português, dos 12 volumes da *Revue Spirite*





(*Revista Espírita*), editada pelo próprio Allan Kardec de 1858 a 1869. A nova tradução da *Revista Espírita* é de Evandro Noleto Bezerra, Secretário-Geral da FEB, médico, estudioso da gramática francesa e autor de diversos artigos e traduções. O projeto gráfico dos 12 volumes é do designer Tarcisio Ferreira.

Editada por Allan Kardec, a *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* – é um clássico, fundamental para entender-se o pensamento kardequiano. Foi lançada em 1º de janeiro de 1858 e serviu como laboratório experimental para as obras e projetos futuros do Codificador do Espiritismo. Muitos textos que aparecem em suas páginas depois fizeram parte das obras de Kardec que se seguiram à publicação de *O Livro dos Espíritos*. A *Revue* foi, também, peça fundamental para o intercâmbio de espíritas e simpatizantes de várias partes do mundo, embora sua grande vocação sempre tenha sido a



Sessão de autógrafos dos livros infantis da FEB, por suas autoras Cecília Rocha e Zaira Silveira

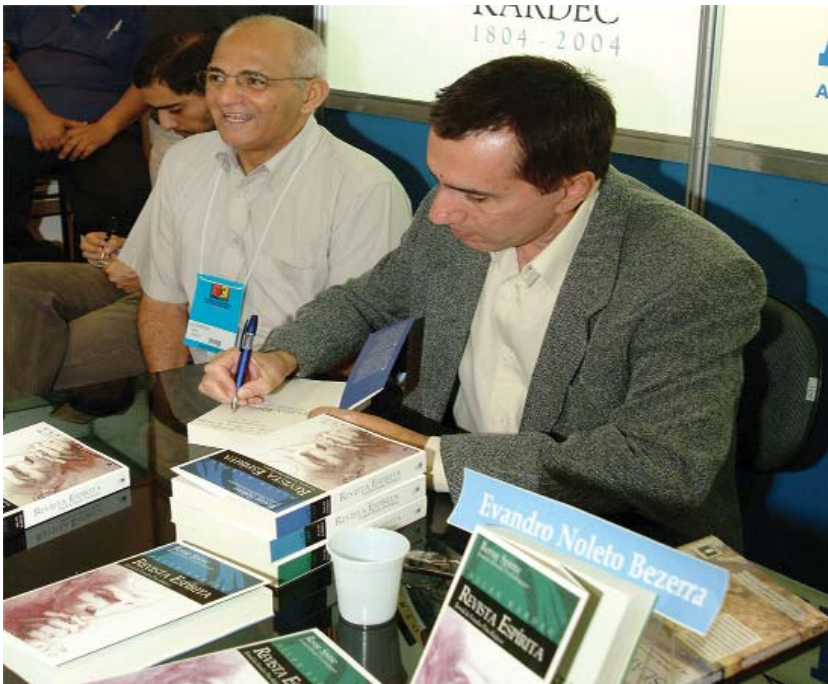
contribuição para à difusão da nascente Doutrina Espírita

A edição comemorativa de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em homenagem aos 140 anos de lançamento do livro, foi impressa em pa-

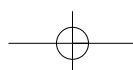
pel *chamois*, com capa semiflexível, formato 14x21cm, em novo projeto gráfico.

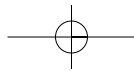
A FEB exibiu uma série de vídeos em seu *stand*. Além de um filme sobre a vida do médium Francisco Cândido Xavier e a fita *O Espiritismo, de Kardec aos dias de hoje*, a Federação reproduziu imagens da sessão solene em homenagem aos seus 120 anos de existência e ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita.

Através de sua área editorial, a Federação Espírita Brasileira já publicou, aproximadamente, 38,64 milhões de livros exclusivamente espíritas: romances, poemas, mensagens, livros de caráter científico, filosófico e religioso. Os livros de Allan Kardec somam 10,18 milhões de exemplares e os psicografados por Chico Xavier totalizam 15,35 milhões e ainda 13,11 milhões de exemplares de outros autores: livros infantis, obras de caráter científico, filosófico e moral. ■



Sessão de autógrafos da *Revista Espírita*, por seu tradutor Evandro Noleto Bezerra





A morte e a mediunidade

Adésio Alves Machado

A ponte de intercâmbio entre os dois mundos – a mediunidade – constitui-se numa das concessões divinas às suas criaturas. Mediante tal recurso é possível haurir as indispensáveis forças morais e espirituais para a consecução de nosso objetivo maior na vida terrena, qual seja a de buscar a liberdade espiritual através da nossa evolução.

Manobras ardilosas, preparo de hábeis documentos foram elaborados por religiosos imediatistas para silenciar as Vozes Amigas viventes no além-túmulo. Não conseguiram, muito pelo contrário, foram surgindo outras e mais outras, falando-nos às consciências, ajudando-nos a crescer para Deus, concitando-nos à prática do bem e do amor ao próximo, expandindo-se a mediunidade irresistivelmente.

Pouco ou quase nada conseguiram aqueles manobreiros das consciências alheias com a ameaça de suas fogueiras, de um inferno ardente para calar as vozes dos imortais. O interesse acendrado dos Espíritos para prosseguirem ajudando-nos foi imenso, continua enorme, não obstante todas as armadilhas, artimanhas utilizadas pelos maus servidores do Evangelho, os

quais, utilizando-se da perseguição, pressupunham silenciar as vozes levantadas das tumbas. Estas são de pais e mães, de amigos e familiares outros, carinhosos e fraternos, retornando da sepultura para acalentar e inspirar seus entes débeis e desinformados.

O correio da mediunidade agora aberto não vai mais fechar, noticiando o mais possível, dentro das nossas necessidades evolutivas, aquilo que precisamos saber e compreender.

Amigos e conhecidos, mentores e guias abnegados insistem no uso da palavra mediúnica, escrita e falada, conjugando companheiros empenhados nas lutas de ascensão espiritual ainda na retaguarda terrena. Paralelamente a estes, outros surgem, sedentos de vingança entre tormentosas reminiscências, invejosos e maus, procurando prejudicar os incautos da Terra; são os adversários do passado, vencidos pelas urdiduras da pusilanimidade, aproveitando-se de suas condições de invisibilidade para dar vazão às suas ojerizas e idiosincrasias em longos processos obsediantes.

As vinculações são feitas mente a mente, conforme os pensamentos acalentados, estabelecendo-se a sintonia, consciente ou inconscientemente. Inicia-se, assim, um processo que geralmente desemboca na obsessão e suas conseqüências sempre lamentáveis, para ambas as partes, alongando-se no tempo.

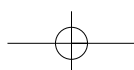
A morte, importa saber, não paralisa jamais a dinâmica da vida – o amor –, estuando aqui e além num permanente esforço para a todos adaptar a uma existência feliz na Espiritualidade.

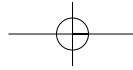
Há, houve, está havendo e haverá sempre intercâmbio de ondas mentais, quando as permutas de experiências são trocadas entre os libertos da carne e os a ela aprisionados, testemunhando a indestrutibilidade da alma de conformidade com o ensinamento pela Doutrina Espírita.

Os cultuadores da verdade e os que viveram o Evangelho, na sua real expressão, brilham além das trevas, renunciando a eterna madrugada, donde retornam triunfantes a fim de cantarem as sonoras melodias das belezas imortais, convidando os atentos ouvintes para a felicidade e a paz destinadas a todos os filhos de Deus.

Dentre as dores do ser humano, uma das mais pungentes, pertinentes e profundas é, indubitavelmente, a que decorre da separação física imposta pela morte. O homem, de modo geral, não se acha ainda acostumado ao fenômeno biológico natural da vida – a morte. Nada que se lhe compare, tal o dilaceramento provocado nos tecidos sutis da alma, mesmo quando aguardada.

Ela é a única realidade de que ninguém pode fugir, graças ao seu caráter determinístico, convidando





a todos para que nos projetemos, o mais cedo possível, na imortalidade.

Quantas vezes ela surge sorrateira arrebatando os afetos e carregando os adversários, mas sempre provocando emoção, mais ainda em se tratando dos amores, enigmáticamente realizando a transferência de um para outro estágio da vida.

A morte pode ensejar felicidade e triunfo, sendo ela, nesse caso, libertação, mas pode também fazer-se grillheta e cárcere para as consciências comprometidas, intoxicadas pelos vapores da insensatez e das paixões comprometedoras.

A ninguém poupa e prima por igualar a todos, selecionando-os de conformidade com os títulos morais auferidos no transcurso das existências.

Nunca deveríamos rebelar-nos diante das conjunturas da morte que nos separou de um ente amado, porque tal separação não atende aos caprichos do acaso, mas às determinações do Criador, o único a deter o poder sobre as nossas existências. Ela, a separação, jamais será definitiva, requisitando nossa paciência e nosso preparo para o reencontro.

Os afetos aguardam-nos esperançosos, anelando que cumpramos nossos deveres e obrigações, e que nunca os decepcionemos através de manifestações de revolta ou de desespero, totalmente injustificáveis. Vivem eles como nós vivemos e viveremos, tendo-os apenas como aqueles que se anteciparam na viagem de volta, não se encontrando apartados de nós.

Apesar de não os vermos, estão ao nosso lado caso os amemos, ou vinculados a nós, se os detestamos.

Não os fixemos na memória de forma inditosa, sob os caprichos da paixão ou debaixo do sabor amargo da nossa dor, devendo, sim, luarizar a saudade no regaço da oração, alimentando a certeza de reencontrá-los.

Utilizemos, portanto, as nossas horas disponíveis para pensar neles e produzir o Bem, em nome deles e por amor a Jesus, orando sempre, e convertendo nossas moedas e flores de efêmeras durações em reconforto para os outros seres que padecem privações.

Nossos gestos de amor serão por eles benditos, acercar-se-ão mais de nós, visando a ajudar-nos e encorajar-nos ao prosseguimento das tarefas.

Deslocando o amor em direção do sofrimento alheio diminuiremos a nossa dor, tudo realizando em nome dos que partiram, certos de que vivem e se encontram ligados a nós.

Somente o corpo morre. O Espírito que o anima é imortal e prossegue, em encarnações sucessivas, que “são sempre numerosas, porquanto o progresso é quase infinito”, diz-nos *O Livro dos Espíritos*, na questão 169.

Saibamos considerar o quanto de fragilidade existe no organismo através do qual nos movimentamos, e, ao final de mais um dia vivido na Terra, pensemos na possibilidade de o perdermos mediante a transformação imposta pela morte.

Não é o sono uma quase desencarnação? Quem tem certeza plena e absoluta de que despertará no dia seguinte? Não nos emancipamos do corpo nestas horas e não vamos ao encontro de nossos afins?

Façamos sempre uma avaliação

do nosso dia, procurando analisar o que foi feito, de certo e de errado, insistindo por viver sempre com a retidão que é característica de quem dispõe de pouco tempo, confiando no prosseguimento da vida após o traspasse.

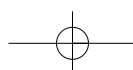
Desenfaixemo-nos de tudo quanto nos possa reter na retaguarda e, sempre que nos sintamos atados a ela, recordemos a necessidade de prosseguir a existência, desvinculando-nos de todo tipo de capricho humano, avançando para o amanhã, a fim de alcançarmos o triunfo em nossa imortalidade.

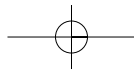
A morte, seja violenta ou se arraste por meses e anos, chega sorrateira, ceifando corpos, espalhando angústia, mutilando aspirações acalentadas, mais ainda quando são os jovens os atingidos. Vai espalhando luto e dor.

Aparatos vários, rituais cheios de adornos cingiram-na, numa tentativa de desvincular-lhe o impacto ou, pelo menos, diminuir-lhe o trauma. Foram inúteis as solenidades e cerimoniais porque a morte os dispensa, como também as conceituações pessimistas dos que a consideram como o fim da vida.

Nós, Espíritos, vitalizadores da matéria, preexistimos e sobrevivemos a ela, porque somos a causa, a sua força mantenedora, acionando-lhe a vitalidade, pondo-a em movimento e lhe propiciando espontaneidade, sendo incontestável, pois, a nossa sobrevivência.

Devemos pensar, sim, no fenômeno da morte e com freqüência, anelando habituar-nos à idéia, a fim de não sermos surpreendidos quando o depararmos em nós ou num ente querido. É uma fatalidade biológica da qual ninguém está





isento, competindo-nos viver de tal forma que estejamos sempre prontos a submeter-nos a tal imperativo, aceitando-lhe a presença como única maneira de nos libertar, presos que nos achamos ao corpo físico. Mas, somente uma existência digna nos credenciará à felicidade. Quem se mantiver intoxicado pelos vapores dos vícios, da delinquência, da insensatez, da criminalidade sentir-se-á ainda agrilhado aos imperativos da vida carnal, sofrendo sem o mínimo entendimento, vendo-se sem acreditar no que vê, assistindo à putrefação do corpo de forma do-

rida, sendo aniquilado por vermes famélicos.

A viagem material é uma aprendizagem que deve ser exercitada, imprimindo-lhe uma conduta moral, mental e vivencial correta, digna, respeitosa, honesta, fazendo ao próximo tudo quanto gostaríamos que ele nos fizesse.

Não devemos lamentar os mortos, nem nos amedrontar diante da morte, evitando rebeldia e mágoa, considerando a existência pós-morte apenas como a de uma vida em níveis vibracionais diferentes, em faixas evolutivas diversas. ■

vo Governo Federal, dinamizado pelos Ministérios da Educação e da Cultura, a Doutrina Espírita, através de seu movimento doutrinário, muito poderá contribuir, notadamente na Educação, procurando preparar brasileiros úteis à Sociedade, colocando-se a serviço desta e de outras causas. E, por tal razão, observamos que os espíritas conscientes passaram a valorizar o patrimônio de conhecimentos, porque a base doutrinária para a Educação é o Livro. Cresce, neste sentido, junto ao público espírita e não espírita, a convicção de que o saber espiritual está justamente na religiosidade inerente à Doutrina Espírita aplicada à vivência cotidiana e não nos grandes espetáculos pontuais. É que somos leitores e não espectadores.

A Fé espírita é raciocinada. A Educação Espírita aplicada à vivência diária, através do livro doutrinário, possui, admitimos, três efeitos imediatos à sociedade brasileira: a) desenvolvimento do sentimento religioso, sem, contudo, cair no fanatismo ou proselitismo religiosos; b) resignação nas vicissitudes da vida cotidiana, todavia, sem acomodação com as trevas da ignorância material e espiritual; c) estímulo à indulgência para com os defeitos alheios, sem desestimular o trabalho construtivo e o progresso humano e social, incentivando a leitura de obras que possam ser aplicadas em favor da causa social brasileira e outras de cunho edificante. E é por isto que Emmanuel, na psicografia de Francisco C. Xavier, sinaliza: “A cultura reclama publicações: o Espiritismo tem sua alavanca na expansão do livro que lhe expõe os postulados.” ■

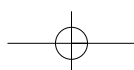
Educação Espírita e o envolvimento social

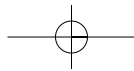
Dulcídio Dibo

Observamos que os primeiros empenhos do Governo Federal instalado para o período de 2003-2006 foram as conclamações ao envolvimento de toda a sociedade brasileira no combate aos problemas permanentes: a fome, a educação, a saúde, as desigualdades sociais e outros. De outro lado, a Imprensa leiga diariamente nos mostra um elenco de vícios da natureza humana existencialista, imediatista: a violência, a corrupção, o abuso do poder econômico, a vida-mercadoria e tantas mais, indican-

do a total ausência de sentido da existência humana. Neste contexto, totalmente desanimador, o espírita consciente procura, tanto quanto possível, crer na esperança e, neste propósito, acreditamos que a Educação seja potência criadora. Estamos especificamente nos referindo à Educação Espírita, aplicada, guardadas as proporções, à vivência diária, obtida através dos Cursos de Espiritismo, como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Ela poderá instruir e consolar, contrapondo-se a todos os poderes negativos que causam danos ou impõem limites à vida humana, neste sociedade de consumo em que vivemos.

Na conclamação geral do no-





SEARA ESPÍRITA

Acre: III UNEACRE

A Federação Espírita do Estado do Acre realizou em 9 de abril, na Escola Glória Peres, de Rio Branco, o III Encontro de Unificação do Espiritismo no Acre (UNEACRE), com o tema central *Transformação para uma nova consciência*, cuja abordagem esteve voltada para a tomada de consciência do espírita quanto ao seu papel relativamente aos laços afetivos, ao Espiritismo enquanto ciência e religião, e à necessidade da iniciativa pessoal para a paz.

R. G. do Norte: Eventos espíritas da FERN

Destacamos, da Agenda 2004 da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, os seguintes eventos: **Abril** – Foi realizado no dia 24 o Seminário Comemorativo aos 140 anos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, com o tema *O Evangelho e a ética perene de Jesus*; **Maio** – Seminário *Os prazeres da alma*, com Francisco do Espírito Santo; e Programação com José Raul Teixeira; **Junho** – Encontro de Comunicadores Espíritas do Rádio.

Espanha: Jornada Espírita em Barcelona

A II Jornada Espírita de Barcelona ocorreu no dia 18 de abril passado, em comemoração ao lançamento de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, com o apoio dos Centros Espíritas daquela cidade espanhola. A programação compreendeu palestras e seminários, em que foram abordados os temas: *O Livro dos Espíritos: Introdução ao estudo da Doutrina Espírita; Espiritismo: Como eu te sinto; O Perispírito; Espiritismo e Centro Espírita*, este último apresentado pelo Presidente da Federação Espírita Espanhola, Salvador Martín.

R. G. do Sul: Encontro de Evangelizadores

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul, através do seu Departamento de Infância e Juventude, realizou, com a presença de cerca de 1.400 participantes, mais um Encontro Estadual de Evangelizadores Espíritas, nos dias 3 e 4 de abril deste ano, abrangendo a temática *A Evangelização Espírita como Chave do Progresso Moral da Humanidade*. Participaram do evento a Vice-Presidente da FEB, Cecília Rocha, pio-

neira no desbravamento da evangelização no Estado do Rio Grande do Sul, Sandra Maria Borba Pereira, Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, Sérgio Lopes, médico psiquiatra, e Gládis Pedersen de Oliveira, Vice-Presidente da FERGS.

Argentina: Bicentenário de Allan Kardec

Em comemoração ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, a Confederação Espiritista Argentina promove em sua sede (Sánchez de Bustamante, 463 – Buenos Aires), no dia 11 de junho corrente, um Ato público em que serão proferidas duas conferências: uma sobre *Allan Kardec e sua obra*, pelo escritor e historiador do Espiritismo, Sr. Florentino Barrera, vinculado à Sociedade “Vida Infinita”; e outra sobre *Juventude e Espiritismo*, pelo Sr. Fernando Quaglia, membro da Instituição Espírita “Joanna de Ângelis”.

Congresso de Psicologia e Espiritismo

Realizou-se no salão nobre da Federação Espírita do Estado de São Paulo, nos dias 16 e 17 de maio, o II Congresso Brasileiro de Psicologia e Espiritismo, promovido pela Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas e com o tema central *Psicologia e Fé*, que foi desenvolvido através de palestras e cinco *workshops*.

Paraguai: Semana Espírita

Organizada pelo Movimento Espírita Paraguai, realizou-se em Assunção, no período de 11 a 18 de abril, uma Semana Espírita dedicada a Allan Kardec, por seu Bicentenário de Nascimento. As palestras da Semana foram proferidas nos sete Centros Espíritas do Paraguai.

Pernambuco: Seminário sobre Depressão

A Federação Espírita Pernambucana promoveu na sua sede, em Recife, de 22 a 23 de maio, o Seminário *Depressão: Causas, Conseqüências e Tratamento*, com a participação de Izaías Claro, escritor espírita, Presidente da Comunidade Espírita Joanna de Ângelis, de Oswaldo Cruz (SP), e autor de vários livros sobre o assunto.

